

Universidade de Lisboa



*Um Objeto, um Ponto de Partida: uma
exploração em Desenho A, 11º ano*

Ana Rita dos Santos Cascais

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2013

Universidade de Lisboa



*Um Objeto um Ponto de Partida: uma
exploração em Desenho A, 11º ano*

Ana Rita dos Santos Cascais

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado pelo o Professor Doutor João Paulo Queiroz

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

2013

Resumo

Este presente Relatório tem como finalidade a apresentação e organização de estudos relacionados com o ensino artístico, no âmbito da prática supervisionada inserida no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Consta, por isso, um vasto conjunto de elementos que estão relacionados com a prática profissional; a caracterização da Escola Secundária Sebastião da Gama, o ensino da disciplina de Desenho A do 11º ano, a unidade didática posta em prática ao longo de oito de aulas realizadas e as estratégias empregues para facilitar a compreensão dos alunos e acima de tudo superar problemas. Estão expostas as estratégias adotadas para que os conteúdos a lecionar sejam absorvidos, compreendidos e consolidados pelos alunos, para que estes os possam experienciar. Neste trabalho teórico estão contidos objetivos de preparação agregados à prática da lecionação, que no futuro sirvam de exemplo para uma experiência aplicada. Ao ter em conta a presente turma, foi desenvolvida uma unidade didática juntamente com o professor cooperante que fortalecesse a criatividade dos alunos e onde estes pudessem por em prática as suas ideias. Neste sentido, os alunos foram levados a pensar a resolução do exercício de uma determinada forma que pudesse também ter aplicação no futuro, ou seja, como método de trabalho, em outros exercícios propostos. A criação desta unidade de trabalho teve também como base a motivação para a aprendizagem de forma a adquirir competências ao nível das técnicas de representação e de criatividade. No que diz respeito ao enquadramento teórico, foram considerados e fundamentados temas de estudo que tiveram como desenvolvimento base a pesquisa e a minha reflexão pessoal. Estas temáticas abordadas relacionam-se com a prática docente desde as estratégias de ensino apresentadas, a importância do currículo, a motivação e a criatividade nas Artes Visuais.

Palavras chave: Mestrado Ensino, Desenho, Relatório, Aprendizagem, Criatividade, Artes Visuais.

Abstract

This report's main goal is to present, in a structured and organized manner, the findings related to the teaching of art courses, as a result of the supervised practice contemplated in the Master of Visual Arts Teaching in Grade through High School. As such, a number of elements included are directly related to the professional practice of this discipline - research field work done over the course of eight classes which took place in Sebastião da Gama High School (in Setubal). The course, Drawing A, taught to 11th graders, intended to provide learning strategies to improve general comprehension and assimilation of new concepts as well as to provide problem solving skills. The report goes over the recommended approaches used in class to enhance the students' overall learning experience and to then be able to apply it to real situations. An underlying objective of this report is to better the teaching practices in Visual Arts, so that it can become a reference in the future for other teachers looking to improve students' learning skills and drawing abilities. Taking into consideration the body of students involved, a specific set of guidelines and teaching units were developed in strict collaboration with the mentor teacher, so that students could actually apply their ideas to real exercises. As such, students were encouraged to think about problem resolution in specific ways, which promoted assimilation of concepts and helped them resolve future situations applying the same learned skill. The teaching units also focused on learning motivation skills as well as in developing representation and creativity techniques, in a combination of theory and practice, or applied theory. Regarding the framework used, many lines of thought were studied and considered, as a result of my research and my personal views on the matter. By and large, the framework chosen is directly related to an applied theory approach, where students are encouraged to learn by resolving a problem, thus assimilating new knowledge, as well as a strong emphasis on portfolio development, self-motivation and creativity within the course of Visual Artist.

Keywords: Masters in Teaching, Drawing, Report, Learning, Creativity, Visual Arts.

Índice

Introdução	1
CAPÍTULO I	5
Estratégias de Ensino	5
1.1. Estratégias de Ensino – Princípios de uma Intenção	5
1.2. A Importância da Reconstrução do Currículo	7
1.3. A Avaliação	9
CAPÍTULO II	13
As Artes Visuais	13
2.1. O Ensino das Artes Visuais	13
2.2. Recursos Didáticos no Ensino das Artes Visuais	16
2.2.1. Recursos Didáticos	16
2.2.2. Manual Escolar	18
2.3. Ambientes de Aprendizagem Produtivos	19
2.3.1. A Motivação como Meio	19
2.3.2. Criatividade, uma Dinâmica Favorável	21
CAPÍTULO III	25
Caracterização e Contextualização da Escola e Turma	25
3.1. Localização Escola Secundária Sebastião da Gama	25
3.2. A Escola e o Espaço Online	27
3.3. A História do Ensino Industrial em Setúbal	27
3.4. O Novo Edifício	30
3.5. A Escola Secundária Sebastião da Gama	33
3.6. O Patrono da Escola	35
3.7. Órgãos de Gestão e Administração	37
3.8. Características Escolares – Projeto Educativo	37
3.9. As Ofertas de Aprendizagem e Formação	40
3.9.1 Ensino Diurno no Ensino Básico	40
3.10. Ensino Diurno no Ensino Secundário	41
3.11. Atividades e Participações Escolares	42
3.12. Ensino Noturno	42
3.13. Formas Avaliativas	43
3.13.1. Ensino Básico	43
3.13.2. Ensino Secundário	43
3.14. No Quadro Docente	44
3.14.1. Situação Docente no Departamento das Expressões	45
3.15. O Corpo Não Docente	46
3.16. Relações Humanas	46
3.16.1. A Relação Pedagógica	46
3.17. Caracterização das Instalações Escolares	47
3.17.1 O Projeto do Parque Escolar	47
3.17.2. Caracterização dos Aspectos Arquitectónicos	48
3.17.3. Caracterização das Salas de Artes Visuais	54
3.18. As Características da Turma F	55

3.18.1. Os Alunos e o Trabalho Escolar	55
CAPÍTULO IV	57
A Prática Profissional na Escola Secundária Sebastião da Gama.....	57
4.1. A Unidade de Trabalho – Exercício Proposto.....	57
4.2. Planificação das Aulas.....	58
4.3. Planificação da Unidade de Trabalho	59
4.4. Construção dos Planos de Aula.....	61
4.5. Sumários das Aulas	61
4.5.1. Aula 1.....	61
4.5.2. Aula 2.....	62
4.5.3. Aula 3.....	63
4.5.4. Aula 4.....	63
4.5.5. Aula 5.....	63
4.5.6. Aula 6.....	64
4.5.7. Aula 7	64
4.5.8. Aula 8.....	65
4.6. Recursos Didáticos	65
CAPÍTULO V	67
Resultados e Avaliação	67
5.1. Registo dos Resultados Obtidos.....	67
5.2. Momento Avaliativo.....	70
5.3. Reflexão Crítica da Unidade de Trabalho.....	72
Discussão e Conclusões	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICES	79
Apêndice 1. <i>PowerPoint</i> . Escultura, Materiais e Técnicas	81
Apêndice 2. <i>PowerPoint</i> . Escultura Visitada	84
Apêndice 4. Ficha de Autoavaliação – Unidade de trabalho.....	93
Apêndice 5. Tabela Avaliativa	95
Apêndice 6. Relatório do Professor Cooperante.....	97

Índice de Figuras

Figura 1. Localização da cidade de Setúbal	26
Figura 2. Plano Aéreo da Escola.....	26
Figura 3. Antiga Escola Comercial	30
Figura 4. O Professor, Sebastião da Gama	36
Figura 5. Organigrama da Escola Secundária Sebastião da Gama.	37
Figura 6. Planta de Implementação	47
Figura 7. Fresco de Luciano dos Santos.....	48
Figura 8. Portaria da Escola.....	49
Figura 9. Novo edifício C.....	50
Figura 10. Piso 0 da Biblioteca.....	50
Figura 11. Piso 1 da Biblioteca.....	50
Figura 12. Sala de Alunos	51
Figura 13. Reprografia e Papelaria	51
Figura 14. Ginásio	52
Figura 15. Entrada para as salas das Artes	52
Figura 16. Pátio das Artes Visuais	52
Figura 17. Mobiliário fixo no exterior	53
Figura 18. Zona replantação de árvores	53
Figura 19. Sala de Artes Visuais. Fonte.....	54
Figura 20. Processo de realização da unidade proposta	67
Figura 21. Processo de realização da unidade proposta	67
Figura 22. Processo de realização da unidade proposta	68
Figura 23. Processo de realização da unidade proposta	68
Figura 24. Finalização da unidade proposta	69
Figura 25. Finalização da unidade proposta	69
Figura 26. Finalização da unidade proposta	70

Índice de Quadros

Quadro 1. Requerentes de Serviço de Ação Social Escolar.....	38
Quadro 2. Turmas do Ensino Básico	41
Quadro 3. Turmas no Ensino Secundário e Profissional	41
Quadro 4. Participação em Atividades Escolares	42
Quadro 5. Turmas no Ensino Noturno	42
Quadro 6. Tabela de Qualificações.....	43
Quadro 7. Avaliação na Disciplina de Educação Visual	43
Quadro 8. Elementos de Avaliação no Secundário	43
Quadro 9. Avaliação na Disciplinas de Artes Visuais	44
Quadro 10. Géneros	44
Quadro 11. Faixa etária.	44
Quadro 12. Situação Atual dos Docentes na ESSG. Fonte.....	45
Quadro 13. A Proveniência dos Docentes.....	45
Quadro 14. O Departamento das Expressões	46
Quadro 15. Número de Técnicos e Auxiliares. Fonte	46
Quadro 16. A Relação Pedagógica.....	47
Quadro 17. Dimensão e Número de Salas das Artes Visuais	55
Quadro 18. Planificação da Unidade Curricular.....	60
Quadro 19. Classificações da Unidade Curricular	71

Agradecimentos

Ao Orientador Professor Doutor João Paulo Queiroz

Ao meu Professor Cooperante António Galrinho

Aos meus colegas do Mestrado em Ensino

À Escola Secundária Sebastião da Gama

À turma de Desenho A do 11º F ano do ano lectivo 2012/2013

À minha família

Aos amigos que me influenciaram e ajudaram positivamente neste projeto

A todos, muito obrigada

Dedico todo este trabalho em especial à minha avó Zulmira, à minha irmã
Susana, aos meus pais, ao Mário João e ao Tito.

Introdução

O presente relatório intitulado *Um Objeto, um Ponto de Partida: uma exploração em Desenho A, 11º ano* foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais, reunindo um vasto conjunto de elementos que se referem à Prática Profissional Supervisionada.

Esta prática apresenta-se descrita de forma pormenorizada para que seja possível o entendimento da unidade de trabalho realizada com os alunos ao longo de oito sessões. Neste contexto, as práticas de trabalho foram adequadas à turma, foi realizada a planificação geral e como guia foram construídos os planos de aulas que ajudaram no decorrer das mesmas. Na planificação geral da unidade foram adotadas estratégias para que os conteúdos a lecionar fossem absorvidos, compreendidos e consolidados pelos alunos.

As estratégias de ensino, a importância da construção do currículo, os recursos didáticos, a motivação, a criatividade, entre outros conceitos, são ferramentas de estudo e de pesquisa bastante úteis para esta experiência letiva, estão presentes no enquadramento teórico deste relatório. A abordagem dos temas propostos é determinante para a prática do ensino, e mais especificamente na lecionação da disciplina do Desenho A onde se pretende que o aluno desenvolva competências nos vários domínios do Desenho.

Especificamente, esta unidade de trabalho visa preparar os alunos para a compreensão do espaço público, da perspetiva e noção de profundidade, assim como trabalhar o conceito de escultura e intervenção ao nível conceptual e criativo. Nestes momentos processuais é imprescindível o acompanhamento e orientação do aluno ao nível individual para que este possa evoluir.

O presente relatório é constituído por capítulos e subcapítulos, que assentam na articulação da prática com a teoria. Foram fundamentados e desenvolvidos conceitos que contribuem para aquisição de competências. Primeiramente estão implícitas as estratégias de ensino, a importância do currículo, a avaliação, e os métodos e técnicas necessárias para o

favorecimento do ensino aprendizagem, dirigido para melhorar a prestação dos alunos.

Por conseguinte, o segundo capítulo debruça-se sobre o ensino das Artes Visuais e sobre disciplina de Desenho A apostando na qualidade de ensino através da experiência e formação do professor de um modo profissionalizante. A dualidade do artista professor faz toda a diferença na medida em que apresenta outros conhecimentos e aborda questões que advêm da sua experiência enquanto artista, influenciando os alunos nesse sentido. Por último, são apresentados os recursos didáticos e de que forma são importantes como meio facilitadores do ensino-aprendizagem, assim como outros conceitos.

No terceiro capítulo é feita uma apresentação da Escola Secundária Sebastião da Gama em Setúbal, quer a nível histórico, quer ao nível das suas características. Para melhor compreender este capítulo foi analisado o seu Projeto Educativo, onde constam informações detalhadas sobre o seu funcionamento e tudo o que a envolve. Nesta apreciação, constam as características do grupo Científico Humanístico das Artes Visuais. Na prática profissional exercida, a turma F mais especificamente na disciplina de Desenho A foi objeto de um estudo prévio que se baseou num reconhecimento de características, ao nível da aquisição de conhecimentos e ao nível de comportamento. Outro contributo importante foi a apreciação de trabalhos anteriormente realizados pelos alunos.

No quarto capítulo é abordado o enquadramento da unidade curricular lecionada, onde estão englobados todos os pareceres que contribuíram para o desenvolvimento e desempenho da prática profissional. Estão expostas as vertentes necessárias para o decorrer do estágio, passando a enumerar: descrição da unidade curricular proposta, planificações, sumários, recursos didáticos (entre outros). Neste capítulo estão compiladas considerações orientadoras para a prática profissional.

A avaliação da unidade didática, assim como o método avaliativo e a reflexão crítica, constam no capítulo seis que apresenta os resultados finais da turma. Estes temas foram abordados segundo o reconhecimento da turma e a sua caracterização, o nível do trabalho proposto, as competências adquiridas, atitudes, empenho, material utilizado, entre outros contributos.

De um modo geral, o presente relatório espelha uma prática profissional lecionada, apresentando uma experiência educativa que contribui da melhor forma para a qualidade das Artes Visuais quer no ensino Básico, quer no Ensino Secundário, onde o desenvolvimento, o estímulo e a aprendizagem são factores primordiais. Podemos constatar ainda uma simbiose entre teoria e prática, imprescindíveis para a experiência, reflexão e análise.

CAPÍTULO I

Estratégias de Ensino

1.1. Estratégias de Ensino – Princípios de uma Intenção

Do ponto de vista histórico, a ideia de ensino e de passar conhecimento tem um longo passado, no entanto, o saber formalizado disponível e socialmente aceite esteve acessível apenas a um número restrito de pessoas e mais tarde a grupos.

Os professores afirmam-se nos finais do século XIX com o alargamento da rede escolar. Neste sentido, nasce a escola como instituição pública e o direito à educação, com a necessidade de alfabetizar a sociedade. Porém, a escola como instituição social pública, promoveu um formato organizativo do currículo centrado em dois princípios: a homogeneidade da turma e a separação das disciplinas em espaços e tempos comunicantes, onde a ideia central era “ensinar a todos como se de um só se tratasse” (Barroso cit. Roldão, 2010, p. 17). Atualmente a ideia de organizar o ensino como passagem de saber para todos e da mesma forma está fora de contexto. Tem vindo a ser promovido um ensino mais individualizado apoiado em estratégias previstas centradas no reconhecimento das características do aluno, direcionando, por sua vez, as aprendizagens propostas para um nível mais adequado. Ensinar compreende-se como sendo o desenvolvimento de uma ação especializada e fundamentada, que tem por objetivo fazer alguém aprender algo que se considera necessário, tendo em conta o grau de aprendizagem do aluno.

A definição de estratégia de ensino baseia-se no método, como o professor aborda um determinado tema e de que ferramentas se socorre para que seja entendido claramente pelos alunos, havendo posteriormente compreensão da matéria dada e aquisição de competências. A estratégia é praticada pelo professor e passa necessariamente por saber ensinar e isso implica um agir e um interagir específico com o intuito de esclarecer dúvidas ou falsas crenças, com compromisso e responsabilidade em relação ao outro (Roldão, 2010, p. 11).

Para o ato de ensinar é necessário adquirir estratégias consideradas essenciais como dar matéria, explicar aos alunos conteúdos, factos, teorias, que fazem parte da cultura e que devem ser passada a outra geração. Ensinar é facilitar o trabalho de aprender para que os alunos possam desenvolver-se autonomamente, organizar a apresentação dos conteúdos e colocar questões que levem à reflexão (Roldão, 2010, p. 14), sendo válidas opiniões diversas.

O conceito de ensinar não passa só por dar a matéria, cumprir o programa, sumarizar os conteúdos previstos e planificados, é, acima de tudo, acionar e organizar um conjunto variado de dispositivos que promovam a aprendizagem de forma ativa e multidimensional. A ação estratégica do professor deve criar oportunidades, ativar situações que façam progredir os alunos e os próprios professores. Estratégias benéficas devem estar adaptadas aos contextos dos alunos para que haja uma dinâmica de bom ambiente em sala de aula.

Por vezes o docente confronta-se com dificuldades de diferentes níveis: desde o elevado número de alunos por sala, que provoca bastante desatenção, dificultando a transmissão de saber, ou a heterogeneidade da turma, situações que requerem uma atenção mais específica e individualizada. Para além deste facto, os alunos ainda trazem consigo dificuldades de aprendizagem e outros problemas do ponto de vista pessoal e social. Tudo isto faz com que o foco do aluno se desvirtue na sala de aula, onde é necessária bastante concentração. Por estes motivos o professor deverá estar preparado a vários níveis e como primeiras estratégias deverá estar a par do currículo, saber organizar a planificação anual e a planificação de aulas específicas para orientar propostas de trabalho.

Numa dimensão operativa da ação consideram-se válidas a prática de realização de fichas, tarefas de treino, exercícios, propostas de trabalho, entre outras. Como complemento destas estratégias anteriormente referidas, fazem parte os recursos didáticos (de qualquer tipo externos e internos à escola, manipuláveis ou digitais) que desempenham um papel importante, tornando-se numa mais valia. O ensino leva ao estímulo e desempenha um papel transmissivo e cultural, portanto esta ação especializada é algo realizável que facilita a aprendizagem.

Vivemos uma nova realidade escolar marcada pela diversidade dos públicos escolares, em consequência disso é necessário clarificar a envolvimento do aluno, compreendendo o seu meio através de uma leitura social. Deste modo, as estratégias têm de ser concebidas de forma mais intencional e específica figurando uma análise precisa e diversificada para que alcance um determinado conjunto de alunos.

1.2. A Importância da Reconstrução do Currículo

O currículo é um projeto unificador de aprendizagem (Roldão, 2010, p. 33), portanto, é o responsável por serem administrados nas escolas as mesmas matérias ou temas abordados. Ainda assim, o currículo está em constante mudança e sempre a tentar moldar-se e ajustar-se a problemáticas como a diversidade social e cultural dos alunos. Deparamo-nos com a constatação de que há uma perpetuação com relação à passagem de currículo como um todo preenchido de aprendizagens socialmente reconhecidas como essenciais, quer sejam do ponto de vista da natureza, ou científicas, pragmáticas, humanistas, cívicas, interpessoais, entre outras (Roldão, 2010, p. 34). “A sociedade cria valores, necessidades económicas, sociais, políticas, dado o contexto social faz estruturar respostas da instituição escolar, que se traduzem em grande parte no currículo escolar proposto” (Roldão, 2003, p. 15), estas questões particulares devem ser refletidas, pois estão sempre em evolução e acabam por pôr em causa os currículos escolares.

No passado, “o currículo pronto a vestir de tamanho único” (Formosinho, 1992, p. 28) era dado adquirido, o aluno era passivo em relação a transmissão de conhecimentos e não lhe era autorizado espaço para interrogações. No meio atual e inclusive no meio escolar, o aluno é totalmente ativo, questiona, participa, tem opinião e é-lhe dada oportunidade de pôr em prática as suas convicções. Na conjuntura escolar que se vive, deve-se ter em conta um currículo concebido da melhor maneira para que surjam resultados positivos numa aprendizagem produtiva. Um currículo flexível não se pode confundir como um pretexto de reduzir o nível de

aprendizagem e de exigências só para certos alunos, mas que tem de ter resposta e abertura para fazer chegar a aprendizagem a alunos com mais dificuldades.

Por vezes, esta ciência da educação que investiga o currículo não acompanha os tempos atuais de constante mudança, causando por vezes dificuldades de adaptação de práticas operativas, práticas educativas, planificação, organização de atividades e avaliação, em suma, o impedimento da aprendizagem numa proporção ordenada.

A universalidade escolar não se concilia com uma educação estandardizada. A heterogeneidade da população escolar requer uma formação diversa, com modalidades de formação adequada. É necessário pensar e revalorizar os direitos individuais para uma educação mais sensível e focada em cada aluno.

A escola é para todos e é exatamente por este motivo que não pode abrir espaço à exclusão social. Vivemos numa sociedade aberta, que permite dar educação escolar a todos e nesta sequência a escola está destinada cada vez mais a públicos heterogêneos quer cultural, quer socialmente, sem exclusões.

A escola como centro de ação educativo, projeta uma aposta na evolução da prática profissional, que reverte para um novo conceito. O desenvolvimento profissional procura estar apetrechado de competências consideráveis e na origem de uma formação contínua. Embora haja tentativas de melhorias para um ensino, ainda assim é necessário alterar o funcionamento das escolas em relação à sua autonomia, opções curriculares e gestão curricular. Cada escola é caracterizada por diversas realidades e é necessário por este mesmo motivo fazer programas adequados dando liberdade à docência (Roldão, 2010, p. 42). “Trata-se de procurar obter um currículo baseado nas necessidades reais da população escolar em oposição aos currículos *standard*, definidos a nível geral para todo o país” (Zabalza, 1992, p. 90). Este conceito pressupõe flexibilidade e autonomia da gestão curricular.

A emergência de um currículo de caráter flexível e adaptado a um determinado contexto leva a que os professores sejam, neste sentido, os gestores do desenvolvimento do currículo com um cunho bastante singular.

Tem de haver uma nova proposta curricular, com lógica, que permita aos alunos alcançar competências.

A multiplicidade de mudança é constante e exige o reequacionamento do currículo, encontrando formas de o conceber focalizado em perspetivas evolutivas. Um currículo gerido de forma especial adequada à diversidade é foco de discussão, o que põe em causa a autonomia das escolas e dos docentes, lançando uma questão bastante atual no meio escolar e na sociedade.

O currículo ajustado centra-se no aluno, preparando um estudo prévio baseado no enquadramento familiar, sociocultural, condições económicas, pertença cultural, idade, pensamentos, características, linguística, entre outros. Neste sentido, pretende-se adaptar um currículo tendo em conta estes múltiplos fatores estruturais que categorizam o aluno, dimensionando necessidade de repensar o currículo, organizar planos de estudo onde estão reunidas as atividades que conduzem a uma aprendizagem desejada em sociedade são constantes do ensino contemporâneo.

1.3. A Avaliação

Os critérios de avaliação são elementos que estão estipulados na planificação do docente e que por sua vez estão integrados na forma de avaliar estabelecida pelo o Ministério da Educação, pelo Conselho Pedagógico da escola e pelos departamentos. A avaliação acaba por ser parte integrante do processo de trabalho.

A avaliação tem de ser baseada na consideração da realidade como algo imparcial e estável, por esta perspetiva o professor tem de saber avaliar o processo de aprendizagem e não qualificar um grau de encaixe dos alunos com a verdade absoluta definida previamente. Nesta variante do ensino existe uma organização estruturada com critérios de carácter complexo, que exige uma reflexão na aprendizagem dos alunos, de um modo construtivo, caracterizado pelo conhecimento. A finalidade da avaliação é pensada não como uma medição do grau do aluno, mas sim para analisar os momentos avaliativos como um processo de aprendizagem ou mesmo como um projeto

em si mesmo. Para ser determinado um juízo sobre um indivíduo são necessárias variadas recolhas de evidências focalizadas nas competências adquiridas.

Segundo Fernando Hernandez (1998), há diversas formas para recolher informação sobre os alunos e momentos para o realizar. Para Hernandez há três fases no processo de avaliação da aprendizagem dos alunos que estão presentes nos momentos de trabalho, como forma de diálogo com o conhecimento que se vai construindo. (Esta perspetiva, permite aprender com o trabalho anterior até ao próximo):

A avaliação inicial pretende detetar os conhecimentos que os alunos possuem quando começam o ano letivo, dando oportunidade ao professor de planear melhor o processo de ensino. Outra hipótese será perceber a forma como os alunos aprendem, com a recolha de evidências através de perguntas objetivas. O conhecimento é base para qualquer tipo de tarefa (Hernandez, 1998, p. 95) e para esta circunstância o professor deve considerar onde se situa o aluno e saber analisar os significados das suas respostas. Em conclusão, podemos planear uma unidade didática ou processo de pesquisa através deste ponto de partida.

A avaliação formativa é a base do processo de avaliação. Deverá ser um apoio para os alunos, a fim de os fazer progredir em relação ao conhecimento. A avaliação é uma trajetória realizada em sala de aula entre outros trabalhos. Este processo de ensino-aprendizagem é um ajuste constante adequada à evolução dos alunos, havendo alterações das evidências em caso de haver necessidade. Esta etapa da avaliação pensada Segundo Hernandez (1998) esta etapa da avaliação considera a exigência cognitiva das tarefas propostas, tendo em conta erros conceituais observados e as relações não previstas.

A avaliação recapitulativa baseia-se numa síntese do decorrer do tema, é “o momento” (Hernandez, 1998, p. 95) onde o professor recolhe evidências se os alunos alcançaram os resultados esperados, se adquiriram destrezas e habilidades propostas em função das situações de ensino aprendizagem planeada. É nesta fase que o ato de avaliação se associa mais aos resultados de sucesso ou insucesso dos estudantes, servindo como passagem para provar oficialmente os conhecimentos adquiridos.

Em suma, um professor não se pode basear apenas na avaliação como uma função de creditação, a qual não propicia uma avaliação contínua que pouco destaca todo o processo adotado. A avaliação deve também estar voltada para ser uma reflexão do professor e das suas tarefas a ter em conta o progresso e as dificuldades dos alunos.

Numa fase avaliativa deverá haver uma proposta direcionada aos alunos para uma reconstrução de um processo, ou seja, de uma tomada de consciência do momento em que aprenderam “mais” (Hernandez, 1998, p. 95), para uma elaboração cognitiva onde possam aprender com a sua própria avaliação.

Avaliar e interpretar implica entendimento e confere relevância às estratégias, planos, resolução de problemas, entre outros. O mais importante centra-se nos resultados que se transformam no interesse pelo processo de aprendizagem dos alunos; ordenar e interpretar informação para lhe dar sentido e transformá-la em conhecimento.

O ensino-aprendizagem possibilita aos professores darem uma resposta sobre os avanços educativos dos alunos, avaliando-os. Os alunos contam assim com pontos de referência e tomam contacto com a sua performance individual, como estão, onde podem chegar e do que vão precisar para continuar a aprendizagem. Com este processo, o professor pode medir num sentido mais amplo determinadas competências e aptidões do aluno.

A análise de resultados numa avaliação será o óbvio, mas para isto é preciso ter em conta todo um percurso do aluno. A avaliação implica interpretação e entendimento por parte do professor, tendo por base estratégias de ensino, planificações gerais e específicas ou resolução de problemas.

Num processo de avaliação equilibrado, o ajuste, as atividades adequadas, as análises reflexivas e o percurso cognitivo de diferentes alunos, são estratégias a ter em conta. Outra estratégia igualmente importante para o momento avaliativo, quer para o professor, quer para o aluno é a realização de um portfólio. O portfólio, onde cabem os projetos de trabalho, é visto como uma reflexão (para professores e alunos) ou visto como um recurso de avaliação. É um processo ao longo do ano de evolução

e aproximação ao trabalho dos alunos. O portfólio estimula também a aprendizagem, que poderá ser algo pessoal e próprio, algo que demonstra uma trajetória. Há uma clareza na construção do portfólio, estão reunidas as evidências do conhecimento (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões, representações visuais). É nesta compilação de material onde se ordenam evidências em que os alunos refletem sobre os objetos de aprendizagem e onde se podem também apreciar caminhos para o futuro. O aluno vai reconstruir o seu processo de aprendizagem, vai recapitular o conhecimento e compreender as relações entre as matérias dadas, assim como relacionar a teoria e a prática. Assim sendo, as tarefas propostas nas unidades de trabalho podem ser concluídas num portfólio em que cada aluno seleciona e ordena as evidências que foram sendo reunidas durante a pesquisa, para responder ao problema proposto. Deste modo, cria-se uma estratégia de relação com a informação estudada durante a execução do projeto portfólio.

O momento avaliativo requer cuidados. Este é um processo estratégico que vai de frente à análise de resultados no processo de ensino do aluno, onde importa ter conhecimento acerca das competências adquiridas. Contudo, cabe fazer uma reflexão que se alie de um desenvolvimento da ação regulado e justo.

CAPÍTULO II

As Artes Visuais

2.1. O Ensino das Artes Visuais

O ensino artístico sempre foi posto em prática ao longo dos tempos, sendo caracterizado por um lado mais tecnicista, que esteve relacionado com a indústria no final do século XIX e início do século XX. Nos séculos anteriores é conhecido o desenho artístico como prática de ensino, mas de acesso restrito.

O ensino das Artes Visuais pretende dotar o aluno de múltiplas capacidades artísticas fazendo-o passar pelas mais variadas experimentações, pondo em prática a criatividade e o saber expressar a ideia, de forma lógica, adequada ou intencional.

Para que as disciplinas das Artes Visuais decorram da melhor forma, é necessário que as escolas ofereçam condições adequadas para a lecionação em questão. Neste sentido, o sistema educativo português tem vindo a modificar interiores de salas de aula e escolas, apetrechando-as com equipamento adequado, que vai desde o mobiliário, ao material tecnológico. Para além de haver uma preocupação com o espaço e com as condições de trabalho, o Ministério da Educação aposta também na formação dos professores com vertente artística e profissionalizante.

A formação artística é, sem dúvida, um fator importante para o contributo de uma produção e de uma educação estimulantes. Esta dualidade profissional professor/artista tem vindo ao longo dos tempos a ser discutida e abordada por diversos autores que se debruçam sobre questões artísticas e educativas. Ser professor de Artes Visuais e, em paralelo, artista visual tem, em si, experiência e sabedoria únicas (particulares, pessoais) o que, de certo modo, vem enriquecer os alunos e desenvolver matérias pedagógicas adequadas.

As Artes Visuais são de grande importância e, por isso, em parte responsáveis pela formação cultural dos alunos. O contributo do professor/artista estende-se desde a reflexões sobre a sua experiência e

percurso ao próprio processo de produção. A produção artística e o seu percurso pessoal influenciam ou direcionam os alunos a construir os seus processos de criação. Estes procedimentos pedagógicos formam-se segundo a produção de trabalho artístico, que tem como aplicação dar ao estudante a possibilidade deste também viver a experiência de artista e de ser acompanhado. O facto de o professor ter experiências artísticas auxilia a prática de ensino, visto que existe uma forte relação com os processos criativos. As técnicas de representação artística não deixam de ser importantes para a valorização e concepção da criação, no entanto, será a reflexão constante que gere todo o momento produtivo.

O fazer técnico não avança sozinho, sem reflexão, sem haver compreensão sobre a realização, sendo assim, as técnicas são como que a ferramenta para chegar a uma conclusão do produto final. Pretende-se que a materialização de uma ideia ou fazer artístico marque a diferença de um simples fazer, para um fazer refletido.

Sydney Walker (2004, p. 7), diz-nos que ensinar arte pode ser complexo, não tanto pelas dificuldades dos alunos, mas devido aos próprios professores não dominarem os processos próprios das atividades artísticas. Walker (2004) revela que a componente de arte tem um lado reflexivo e que quando um professor consegue compreender as duas partes pode ensinar melhor.

No entanto, não se pode generalizar e dizer que o professor/artista tem uma maior facilidade em ensinar, dado que o seu lado criativo pode estar pouco desenvolvido ou denotar alguma inexperiência. O professor tem de apelar e conjugar vários tipos cognitivos na prática da lecionação, como a sensibilidade, o saber identificar tendências, saber fazer relações, e desenvolver teoria, entre outros factores particulares e momentâneos. O professor apresenta propostas e métodos de ensino que, bem direcionadas, revelam o artista que há em cada aluno, no fundo, oferecendo espaço ao aluno para pensar como um artista.

Tal como afirma Willard Mccracken (1959, p. 5) é necessária a emergência do conceito do professor/artista para que o produto seja pensado e criado como obra de arte. Estes dois pilares não estão

completamente inseridos no ensino de arte, especialmente no ensino secundário.

Robert Lowe (1958, p. 10) questiona se um artista e um professor podem ser a mesma pessoa. Para este autor, as duas profissões não são inconciliáveis – uma não elimina a outra apesar de serem precisas diferentes competências. Muitos provavelmente estão aptos, os artistas a serem professores, enquanto alguns professores estão limitados pela falta da experiência de artista.

Desde sempre o artista era o mestre que ensinava. Esta ideia veio a cair em declínio com a primazia da técnica sobre a criatividade, o executar acima do pensar, e chegou ao seu auge quando ao professor foi pedido que formasse professores, e não artistas, e com esta possibilidade o círculo ficou incompleto.

Na conjuntura atual, regressamos à noção de que é preciso conciliar as duas vertentes, a de professor e a de artista, e que o artista como professor tem de ser valorizado, já que tem vocação para o que chamamos criatividade, que não pode ser posta de parte, conferindo ao ensino uma abordagem mais completa e holística.

Ao aluno, para além de dominar a técnica, é essencial que atinja um estado de libertação e de autoconsciência, em que os poderes latentes de imaginação, de intuição e criatividade consigam ser dominados. O ideal será fazer com que os estudantes de arte encontrem os seus canais de inspiração e que não estejam dependentes de uma cópia de um professor-artista. O mais importante será fazer com que o aluno aprecie o seu momento e que desfrute a experiência.

A educação artística não pretende a formação de artistas, por assim dizer, nem colocar a arte num paradigma superior a outras importantes faculdades do conhecimento, mas tem todo o interesse em promover uma educação baseada no fazer artístico. O aluno é estimulado a interrogar, conceptualizar e desenvolver as suas ideias, a sua sensibilidade estética e imaginação, independentemente da área artística para a qual se direciona. Por este motivo, Herbert Read (1982), defende que a arte deve constituir a base da educação pois, de um modo geral, este conceito não está de todo implementado, no entanto, podemos de algum modo vê-la aplicada um

pouco por todos os níveis de ensino e nas diferentes áreas escolares contempladas dentro das Artes Visuais, contribuindo para o desenvolvimento da criança (Read, 1982, p. 27). A educação artística tem, portanto, um carácter bastante importante no desenvolvimento cognitivo. “A arte é cognição, uma cognição para a qual colaboram os afetos e os sentidos,” (Barbosa, 2008, p. 22) deste modo, deverá ser a educação artística o meio facilitador do incentivo à criatividade, como parte integrante do processo de aprendizagem, vindo a proporcionar uma melhor preparação aos alunos para enfrentar o mundo.

2.2. Recursos Didáticos no Ensino das Artes Visuais

2.2.1. Recursos Didáticos

De um modo geral os educadores evidenciam a importância dos elementos visuais e tácteis como meios facilitadores da aprendizagem. São vários os autores que têm uma visão da educação baseada na experiência e na aquisição de conhecimento através de sentidos no que diz respeito nas mais variadas áreas.

O método de Montessori (Oliveira, J., et. al, 2007 p. 19) contribuiu consideravelmente, ao ter em conta os materiais didáticos como sendo essenciais no desenvolvimento do estímulo da criança (ou aluno) para a aprendizagem, desde que utilizados de acordo com a sua faixa etária e necessidades.

Os recursos didáticos de vários géneros definem-se como sendo o meio para atingir um fim ou resolver um problema através da utilização de técnicas e métodos respeitantes ao ensino. É também realçado o carácter motivador desta ferramenta de trabalho e o facto de ter importância na promoção da criatividade, no desenvolvimento da coordenação motora e no manuseamento de vários objetos, desde que haja uma preparação prévia, de modo a uma adequação otimizada do recurso para cada situação.

Os recursos didáticos foram diferenciados e categorizados para melhor entendimento para o professor facilitando a escolha. Cerqueira e

Ferreira (2004) acabam por classificar os vários recursos didáticos em 4 partes: naturais, pedagógicos, tecnológicos e culturais.

- O grupo dos recursos naturais engloba elementos como: água, pedras, animais.
- No grupo dos recursos pedagógicos os autores salientam: o quadro, o cartaz, o slide, a maquete entre outros.
- Os recursos tecnológicos são: leitores de CD e DVD, a televisão, o vídeo, computador.
- Dos recursos culturais fazem parte as bibliotecas públicas, os museus e exposições. Estas classificações situam o aluno face às suas necessidades e apontam caminhos para um grupo de recursos que mais se justifique.

No meio didático, segundo Graells (2000), encontramos três tipos de materiais como recursos: os convencionais (livros impressos, fotocópias, revistas, jornais, documentos, materiais manipuláveis e jogos), os materiais audiovisuais (imagens fixas, projetadas como fotografias, diapositivos e materiais sonoros) e por fim, novas tecnologias (programas informáticos, televisão, internet, etc.). Tal como explicitado anteriormente, também aqui os recursos são vistos como tendo um papel fundamental para uma atitude dinâmica, reflexiva e comunicativa no ensino. No ensino português, a importância dos recursos utilizados no auxílio do processo de ensino e aprendizagem consta na Lei de Bases nº49/2005 de 30 de agosto, Artigo, 44º.

No ensino das Artes Visuais, a utilização de materiais e instrumentos para o desenvolvimento da expressão plástica e visual é imprescindível. Há que encontrar um equilíbrio entre o domínio de técnicas e experimentação criativa, envolvendo a utilização de materiais diversos (convencionais e não convencionais) como recursos. Cabe ao docente gerir os recursos consoante os objetivos e competências trabalhados em cada situação, que constem na planificação.

Os recursos didáticos, uma vez que implicam a sua manipulação por parte do aluno, apresentam-se como materiais para se atingir um fim educativo, para tornar visível conceitos e conhecimentos presentes no

domínio das artes, num constante enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

2.2.2. Manual Escolar

O manual escolar é visto de um modo geral como um dos principais recursos utilizados e está prevista a sua utilização em todos os anos letivos. Este recurso compila todos os conteúdos que serão lecionados em um ou mais anos de escolaridade, tendo em conta a disciplina, e o nível de estudo dos temas em questão. O manual escolar é um recurso constante para o professor e aluno, que o utilizam para apoiar e intervir de forma facilitadora o ensino-aprendizagem.

Os manuais escolares representam também gerações que os manusearam para aprender (Mogarro, 2005, p. 1). No fundo, são como repositórios de valores e objetos de cultura onde se concentram conteúdos educativos correspondentes a uma época. Atualmente o manual escolar está inserido na sociedade democrática, podendo constatar que a política já não se reflete nas matérias, o livro está mais transparente (Mogarro, 2005, p. 18) e já não disciplina consciências.

Os conteúdos programáticos (fichas, exercícios, tarefas) são ensinados através do manual que suporta e guia as atividades ao longo do decorrer das aulas. Nas Artes Visuais o livro adotado para as diversas disciplinas é essencial mas é na Geometria Descritiva que se verifica maior presença. Os manuais escolares de artes são bastante importantes, dado que é aí onde estão contidas as imagens que contribuem para a bagagem visual do aluno através de aspetos plásticos. Ao longo do manual escolar de Desenho (assim como outras disciplinas das Artes Visuais) podemos percorrer inúmeras obras de arte de inúmeros artistas, conhecendo tanto a área do desenho, como a pintura, a escultura ou as artes plásticas de um modo geral. Hausman (1967) afirma que a obra de arte é de extrema importância para o conhecimento dos alunos (e não só), pois nela vive um conjunto vasto de informações; momento da sua criação que justificando e transmitindo um contexto numa determinada época, assim como os materiais e técnicas usadas, podendo ainda fazer um paralelismo com

outras obras contemporâneas. Cabe assim aos estudantes, obter conhecimentos sobre artistas e concepções de obras de arte, levando à facilidade de reconhecimento dos movimentos artísticos e como estes desencadearam outros movimentos (Hausman, 1967, p. 15). O manual escolar de Desenho, tem o intuito de dar a conhecer ao aluno um vasto conjunto de obras, contribuindo para a sua formação artística no sentido teórico e prático.

Do ponto de vista atual, a *internet* acaba por ser um recurso constante entre alunos e professores, permitindo aceder facilmente, pesquisar e incluir conteúdos de uma forma mais personalizada, esquecendo de alguma forma o manual escolar.

2.3. Ambientes de Aprendizagem Produtivos

2.3.1. A Motivação como Meio

Para contribuir de forma positiva para o ensino aprendizagem, o professor deve estar apetrechado de conhecimentos e pô-los em prática nos mais variados momentos e ao serviço dos diversos alunos. O professor tem de ter a capacidade de motivar e influenciar positivamente a construção de ambientes de aprendizagem produtivos. A motivação é reconhecida como uma das forças importantes para a orientação das ações dos alunos.

Sendo a motivação um impulso interno, que leva à ação, é vista como uma estratégia educativa que produz diferentes fatores que influenciam o comportamento. A motivação é preenchida de pulsões, e estas são forças que direcionam a atenção para uma ação ou pensamento. São como que reações automáticas que precisam de ser descarregadas no ambiente propício.

Ao longo dos tempos surgiram várias teorias da motivação, numa delas as carências humanas estão dispostas em níveis, resultando numa hierarquia das necessidades (Maslow, 1954, p. 80).

Os estudos sobre motivação levaram Maslow (1954) a construir uma pirâmide onde estão patentes cinco níveis hierárquicos das necessidades:

na base da pirâmide estão as fisiológicas, de seguida as de segurança e estabilidade, necessidades sociais, necessidades de autoestima, e no topo, a autorrealização.

- Dentro das necessidades fisiológicas, figuram exemplos como o sono, repouso, a fome, higiene;
- As que contribuem para a sobrevivência do indivíduo, segurança, proteção, ordem, consciência de perigo e responsabilidade;
- As Necessidades sociais integram a participação, aceitação por parte dos outros, amizade afeto e amor;
- Necessidades de autoestima traduzem-se em apreciação, autoconfiança, aprovação social respeito, prestígio;
- Necessidades de autorrealização pressupõem que cada pessoa consiga realizar o seu próprio potencial e de autodesenvolver-se continuamente.

Para além desta hierarquia, baseada nas carências pessoais de variados níveis, a motivação interna também revela necessidades, aptidões, interesses e habilidades que contribuem para a realização de certas tarefas e não de outras.

Em suma, são os impulsos interiores de natureza fisiológica e psicológica, afetados por fatores sociológicos, que fazem parte de um indivíduo, que por sua vez tem uma forte relação com o meio que o influencia e no qual oferece um estímulo resposta. A motivação externa proporciona a compreensão dos motivos ligados às necessidades e desmonta a complexa lógica do comportamento.

A concepção humanista de Maslow (1954) acaba por justificar o comportamento e motivação com a pirâmide das necessidades. Esta, por sua vez, organiza-se em duas partes – na primeira estão as necessidades mais urgentes, as do ponto de vista fisiológico, as que estão mais próximas do instinto. Na segunda parte da pirâmide estão situadas as necessidades mais humanísticas ou seja mais próximas da razão. A importância desta estrutura piramidal tem um contributo muito objetivo no estudo da motivação como um conjunto de necessidades vitais, que, desde que satisfeitas a

todos os níveis contribuem para que haja ambientes produtivos de aprendizagem. As necessidades básicas têm de estar saciadas e só desta forma subir para o nível seguinte. Por vezes, isso não é o que acontece numa turma em sala de aula em processo de ensino-aprendizagem, havendo desconforto e insatisfação em certos níveis desta pirâmide, o que leva a uma falta de rendimento escolar, não estando os alunos disponíveis para a aprendizagem.

2.3.2. Criatividade, uma Dinâmica Favorável

A criatividade é sinónimo de inteligência, é uma aptidão humana e um dos temas centrais na pedagogia. Este tema é vasto e complexo, e a sua definição passa por um conjunto de parâmetros fundamentais para o seu entendimento.

Criar implica um aparecimento de um novo produto, (Ferreira, 2004, p. 35) quer seja algo criado de raiz, quer uma nova reelaboração de algo que já existe. É uma capacidade que se intrusa com uma qualidade complexa e muito desafiante.

Numa perspectiva de cognição, Guilford sugeriu através da investigação (Guilford, cit. em Gomes, 1975, p. 5) que a criatividade, assim como a inteligência, atravessam uma distribuição normal e que todas as pessoas acabavam por ser criativas mas em diferentes graus. O autor considerava ainda que o poder intelectual poderia realizar várias descobertas ou encontrar várias respostas sobre um mesmo problema. O pensamento criativo aproxima-se de um pensamento que encontra várias soluções para um mesmo problema apresentado nos vários domínios: sensibilidade aos problemas, fluência, flexibilidade, originalidade, análise, síntese, redefinição, inteligência. Todo o processo criativo recebe influências socioculturais e ambientais, que têm um papel a desempenhar. Por vezes, julga-se que o seu desenvolvimento não é possível através da prática e que depende exclusivamente de fatores internos desvalorizando-se as condições que a escola, a família e a sociedade têm para oferecer (Ferreira, 2004, p. 37).

O ambiente propício ao desenvolvimento da criatividade terá características que motivam o indivíduo, oportunidade de aprendizagem criativa, tarefas desafiadoras, daí que o que é criativo para uma pessoa pode não ser criativo para outra. A criatividade é um hábito que funciona quase como um exercício, vai-se construindo. É muito comum estar associado a manifestações e atividades artísticas, no entanto, está também relacionada com qualquer disciplina, embora sejam as Artes Visuais as mais imediatas.

A importância da criatividade permite o desenvolvimento do aluno em contexto educativo, que por sua vez expressa motivação – facto essencial para o sucesso e a produção.

A criatividade pode trazer perturbação, (Morais, 2011, p. 10) mas pode também ser catalisador de energia num meio social que tende a reprimir aqueles que fogem à norma, que divergem, que são diferentes ou originais. A singularidade da resposta de cada aluno poderá dificultar a avaliação do professor devido ao número de alunos por turma, o que faz ter de optar por vias mais seguras, levando por vezes a respostas mais planas. No entanto, obediência, disciplina, pontualidade, relações humanas, boa memória, rapidez de pensamento, assertividade, são características importantes na sociedade, as quais não devem ser desprezadas em nome da criatividade.

A criatividade necessita de ser mais valorizada e apreendida, visto ser uma área pouco imposta e implementada no sistema escolar. O professor será decisivo no processo, de modo a estimular o aluno, saber valorizar a ideia e aceitar o erro como possibilidade de aprendizagem. O aluno terá também um papel ativo, agente e promotor de produções criativas e o professor o de recompensar sempre os esforços prestados pelos discentes.

O fator produtivo traduz-se em destinar tempo para o pensamento criativo, recompensar ideias, produtos criativos, encorajar o aluno a correr riscos, aceitar o erro, estas são oportunidades propícias que geram múltiplas hipóteses ou diferentes pontos de vista.

Em conclusão, o potencial criativo é uma característica de todos os seres humanos e que necessita de determinadas condições para se desenvolver, no entanto, essa capacidade ocorre mais frequentemente em

pessoas que revelem “(...) um conjunto de atitudes, valores, interesses, motivações e traços de personalidade que predis põem o individuo a pensar de uma forma independente e flexível e a fazer uso da imaginação (...)” (Ferreira, 2004, p. 41). Para além destas características fazerem parte de uma personalidade criativa, a criatividade pode ser trabalhada, exercitada em diferentes graus, segundo determinadas condições e obter resultados relevantes. Guilford diz-nos que, embora os fundamentos de todas as aptidões sejam fornecidos pela hereditariedade, “(...) todas elas podem, mais ou menos, ser afetadas pela aprendizagem, formal ou informal (...)” (Guilford, cit. em Gomes, 1975, p. 29).

CAPÍTULO III

Caracterização e Contextualização da Escola e Turma

“Durante quase meio século,
a cidade de Setúbal pedira a sua construção e muitas vezes lha tinham prometido.

Por isso viveu intensamente o dia da inauguração,
assinalado com grande relevo pela imprensa local e nacional.

Pertenceu naturalmente à escola
a organização do programa comemorativo do tão ansiado acontecimento.”

(Claro, 2000, p. 95)

3.1. Localização Escola Secundária Sebastião da Gama

A atual Escola Secundária Sebastião da Gama, fundada em 1955, está localizada na cidade de Setúbal, mais especificamente na Rua da Escola Técnica. Pertence à freguesia de São Julião que é uma das mais antigas de Setúbal. Assim como a freguesia, esta escola conta com muitos anos de ensino e por este motivo tem uma relevante carga histórica.

Sendo escola mais antiga da cidade de Setúbal e a sua localização central entre a baixa e o parque do Bonfim, tem beneficiado de uma maior preocupação em relação ao aspecto arquitectónico, o qual atravessou várias mudanças ao longo dos séculos XX e XXI. O parque do Bonfim, localizado em frente ao edifício escolar é também de extrema importância, por ter proporcionado aos alunos um espaço alternativo de lazer e convívio.

Localiza-se cerca de 45km a sul da cidade de Lisboa, o que faz com que os acessos à escola sejam feitos pelas autoestradas A2 e pela A12 (Figura 1). Existem também transportes bastante regulares cujos terminais ficam perto da escola: o comboio da ponte com ligação a Lisboa que faz diversas paragens por localidades do distrito de Setúbal, o comboio da linha do Barreiro e o da linha do Alentejo, que também são importantes relativamente à frequência de utilização dos docentes e não docentes. A cerca de 200m da escola situa-se o terminal de autocarros, os quais, por razões óbvias, são bastante solicitados pela população escolar. A cidade de

Setúbal conta também com uma frota de autocarros locais, que circulam apenas dentro da cidade. Visto que a escola se encontra no centro (Figura 2), beneficia de paragens de autocarro nas suas imediações. Ao nível de transportes a população escolar está bem apetrechada.

Os elementos naturais de serra e rio que rodeiam a cidade, são temas muito presentes na Escola Secundária Sebastião da Gama não só pela sua localização geográfica, como também pelo incentivo demonstrado pelos poemas do professor Sebastião da Gama. A paisagem envolvente acaba por ser muitas vezes o motivo de estudo e realização de trabalhos propostos pelos professores das mais diversas disciplinas.



Figura 1. Localização da cidade de Setúbal. Fonte: Própria



Figura 2. Plano Aéreo da Escola. Fonte: Própria

3.2. A Escola e o Espaço Online

A Escola Secundária Sebastião da Gama tem site oficial (<http://www.essg.pt>) que fornece informações diversas aos visitantes, desde a sua história, oferta formativa, informações sobre os órgãos de gestão, projeto educativo, horários, contactos, entre outros. No site estão divulgados eventos e todas as informações ou notícias relacionadas com a escola.

A plataforma Moodle (cujo o link de acesso é <http://moodle.essg.pt>) é outro dos espaços *online* ao qual os alunos podem aceder. Contém material de apoio às várias disciplinas e fóruns que permitem ao aluno esclarecer dúvidas. Para entrar nesta plataforma é preciso um registo do usuário e uma senha. Para além dos alunos, os professores e os encarregados de educação podem também ter acesso a esta mesma plataforma.

3.3. A História do Ensino Industrial em Setúbal

No final do século XIX os principais centros de Portugal são Lisboa e Porto, onde está estabelecida grande parte da população portuguesa. No entanto, outras cidades começam também a tomar o rumo do desenvolvimento, como é o caso da cidade de Setúbal, que nesta época apresentava um grande crescimento económico devido à indústria conserveira que proliferava. A procura de trabalho nas fábricas do peixe trouxe à cidade de Setúbal um número considerável de populações vindas da região sul do país e, em menor número, da região norte. O aumento populacional na cidade é praticamente feito à custa de indivíduos de meios rurais e sem instrução, que são a mão de obra operária destas numerosas fábricas setubalenses. O número de crianças em fase escolar aumenta também, o que por sua vez, faz aumentar o número de escolas primárias fazendo despontar uma grande consciência de combate à analfabetização (Carvalho, 1985, p. 578).

Com o aumento da produção nas fábricas são precisos técnicos ligados à parte da maquinaria assim como cargos de chefia. Para fazer face a estas necessidades fabris cria-se um Ensino Técnico Industrial com cursos

profissionais, que instruiriam, na maioria, rapazes com qualificações adequadas para aplicar na fábrica. Este tipo de ensino é instituído pelo ministro Fontes Pereira de Melo em 1852 e caracterizou-se por aliar o ensino à indústria, acabando por ser instituído em Lisboa e Porto (Carvalho, 1985, p. 588).

A 1 de outubro 1888 abre a primeira Escola de Desenho Industrial em Setúbal, com o nome de Escola Princesa Dona Amélia, com um espaço limitado adequado ao número reduzido de alunos. Os alunos davam entrada com 10 anos e tinham de ter completa a instrução primária ou ter realizado o exame de admissão ao secundário. Abrem também os primeiros cursos de Desenho Industrial, Desenho Elementar e de Lavoros Femininos. Esta escola situava-se na Rua da Praia, ou seja, na atual Avenida Luísa Todi.

O Desenho industrial na classe preparatória seria o desenho à vista, com exercícios de linha reta vertical, horizontal e oblíquas. Estes desenhos eram feitos em papel stimográfico com os riscadores de carvão e lápis. O desenho de memória estava também incluído como exercício, assim como a cópia à vista e o desenho geométrico.

Na classe complementar seria ensinada a cópia de desenho a contorno de modelos simples ou de sólidos geométricos de cartão ou cópias de modelos de gesso com indicação da sombra e claro escuro. Por vezes, treinava-se o desenho de memória. O desenho linear rigoroso contava com o conhecimento dos respetivos instrumentos de precisão e exercícios de geometria.

Na segunda parte do curso complementar faziam parte disciplinas como geometria plana, geometria descritiva, teoria das sombras, desenho à vista do natural e modelação de ornato simples.

O desenho elementar consistia em aprender a desenhar a partir de modelos ou do natural tentando não utilizar as estampas convencionais que era um dos princípios da escola. O desenho era ministrado para aplicação à indústria predominante.

O ensino do desenho elementar dividia-se em Preparatório, ou seja, um ano de desenho à vista e de memória e o Complementar, um ano de cópia de modelos, desenho linear rigoroso e de práticas de geometria.

O desenho industrial é dividido em 3 ramos:

- O desenho ornamental com desenho geométrico rigoroso, desenho de ornato, modelação em cera ou barro.
- O arquitetural, desenho geométrico rigoroso, desenho à vista de modelos de arquitetura e ornato arquitectónico, desenho topográfico, corte de madeira e pedra.
- O mecânico, desenho geométrico rigoroso, perspetivas e aguadas, traçado de maquinaria, alçados e cortes de perfil e elaboração de projetos.

Esta escola ganha expressão e o número de alunos aumenta para cerca 123, dos quais 23 alunas que aprendiam labores como as rendas de bilros, bordados e corte e costura com duração de cinco anos cada.

Com o passar dos anos, o Ensino Industrial é reorganizado ao nível da estrutura, onde são ajustados alguns pormenores nos cursos. Com o número elevado de alunos surge a necessidade de um novo edifício escolar, que terá o nome de Escola Rainha D. Amélia. No entanto, as instalações continuam primitivas e sem grandes condições e equipamentos.

Com as mudanças do regime político, em 1912 a escola muda o seu nome para Escola de Desenho Industrial Gil Vicente, que propõe educar a numerosa classe operária. No Curso Industrial são incluídas as disciplinas de Português, Francês, Aritmética, História, Geografia, Física e Química. Sob a direção de João Vaz, passa a ser incluído em 1914 o curso comercial com as disciplinas de Língua Portuguesa, Francês, Inglês, Escrituração Comercial, Cálculo Comercial, Corografia, História Prática e Geografia Geral. Este curso surge pela necessidade das áreas ligadas ao comércio. O plano de estudos era de quatro anos. Passam assim a ser lecionados três cursos, o de Desenho Industrial, o Curso Especial de Lavoros Femininos e o Curso Elementar de Comércio.

Com a instabilidade vivida na época, as reformas no ensino são sucessivas e a Escola Industrial e Comercial de Gil Vicente divide-se em duas escolas: a Escola de Artes e Ofícios de Gil Vicente e a Escola Comercial de Setúbal, como ficou conhecida até aos dias de hoje. Em 1925 a escola recebe o nome oficial de Escola Industrial e Comercial Gil Vicente. Mas com o regime do Estado Novo, por volta de 1930, mais uma reforma no ensino é imposta e há uma alteração dos cursos que passam a ser o de

Serralheiro, de Costura Caseira, de Rendeira e de Comércio.

Em 1931 assume a designação de Escola Industrial e Comercial João Vaz, o nome do conhecido pintor e diretor da escola falecido nesse ano.

A escola continuava com instalações provisórias e com afluência de um maior número de alunos. As condições nas instalações das oficinas eram preocupantes e por este motivo passaram a ser lecionadas na Sociedade Musical União Setubalense no rés-do-chão e a aula de desenho no 1º andar. Mais tarde acaba por sair para outro espaço pelos mesmos motivos, a falta de condições.

Em 1948 a escola passa a ter o nome de Escola Industrial e Comercial de Setúbal e são incluídos novos cursos: o de Eletricista, e o de Mestranga de Encarregado de Obras. A escola não possuía condições na área das oficinas e não dava resposta total a alguns cursos. Neste tempo já contava com 830 alunos nos cursos diurnos e noturnos. Só um novo edifício podia responder às necessidades em falta, construindo espaços adequados para disciplinas que exigissem o uso de maquinaria industrial.

3.4. O Novo Edifício

Em 1955 é inaugurada a nova escola (Figura 3) onde foi construído um edifício propositado para o ensino industrial com excelentes condições a todos os níveis. A arquitetura era clássica ao estilo do Estado Novo, o projeto arquitectónico é da autoria de José Sobral Blanch.



Figura 3. Antiga Escola Comercial. Fonte: AA.VV, 2013

O espaço era de 1800 m² e dava para a frequência de 1500 alunos com cursos diurnos e noturnos. O edifício mantém-se até aos dias de hoje em funcionamento.

Nos anos 60 há um novo crescimento industrial e aparecem novas fábricas na região (a de adubos, papel e cimento). Há registo de uma reunião entre o diretor da escola e empresas locais para compreender as necessidades de operários profissionalizados que a escola deveria formar. Com estas mudanças na indústria, foi pedido ao Ministério da Educação o Curso de Auxiliar de Laboratório Químico. Esta proximidade entre os grupos empresariais e a escola proporcionava aos alunos visitas de estudo às empresas locais para compreender toda a organização e processo de trabalho. Criou-se mais um Curso, o de Mecânico de Automóveis, a pensar na adaptação da escola ao meio. Nesta época a escola já estava apetrechada com biblioteca, sala de professores, refeitório e mais tarde colocado um bar e salas de convívio para alunos e materiais à venda, que viria a ser o esboço de uma papelaria.

Esta escola era bem afamada pelas práticas do ensino industrial e por consequência aceitava encomendas de fora nas oficinas.

Na década de 70 abre mais um curso, o de Construção Civil. O número populacional de Setúbal continuou a crescer, assim como o número de estudantes que procuravam entrar nesta escola, começando a registar-se limitações face ao enorme número de alunos.

Mais tarde, com a revolução de 1974 e queda do regime fascista notam-se alterações significativas no ensino. Desaparecem os Liceus Clássico Artístico e Técnico e pretende-se um espírito da igualdade de nível intelectual para todos, trazendo uma maior procura ao Ensino Superior.

Unificam-se os sistemas de Liceu e Técnico visando a descriminação sócio económica. Apenas nove cursos gerais se mantêm. A escola de Setúbal ficou com os cursos de Mecânica, Eletricidade, Química, Construção Civil, Administração e Comércio e Formação Feminina, todos os cursos de três anos de frequência.

Depois da revolução de abril houve obrigatoriamente um alargamento das escolas visto que muitas crianças chegavam do Ultramar, tornando o espaço cada vez mais reduzido.

O Ensino Secundário unificado aparece em 1975 e excluía quaisquer propósitos profissionais. Agora as oficinas seriam demasiado grandes e ficariam um pouco ao abandono. Em 1977 podemos ver no 9º ano as disciplinas de Português, Língua Estrangeira, Matemática, História, Biologia, Física, Desenho, Introdução à Economia e Educação Física e como disciplinas de opção, Saúde, Desporto, Mecanotecnia, Eletrotecnia, Construção Civil, Quimicotecnia, Têxtil, Administração e Comércio, Arte e Design, Teatro e Música. Em 1978 sai em decreto-lei que as escolas que lecionavam o ensino secundário teriam de ter este nome incluído no nome da escola. Mais uma vez a escola muda obrigatoriamente o seu nome e passa a designar-se Escola Secundária S. Julião, ou seja o nome da freguesia onde a escola está inserida.

Em 1979 há mais uma nova reforma nos 10º e 11º anos com os Cursos Complementares com o plano de estudos Científico Natural, Científico Tecnológico, Económico Social, Estudos Humanísticos, e Estudos de Artes Visuais. Apesar de terem disciplinas comuns a todos os cursos, tinham a componente específica.

No início dos anos 80 a Escola funcionava em período diurno o 2º e 3º ciclos e contava com cerca de 1626 alunos. No período noturno tinha Cursos Gerais de Administração e Comércio, Secretariado e Relações Públicas, Eletricidade e Mecânica e Cursos Complementares de Contabilidade e Administração, Secretariado, Eletricidade e Mecânica com 1400 alunos. Nesta década, a população escolar é de 3304 alunos - 1943 de dia e 1361 de noite, contando com 271 funcionários dos quais 200 Professores, 12 Mestres, 11 Administrativos e 48 Auxiliares.

O 12º ano podia funcionar na escola através da via profissionalizante com os Cursos de Manutenção, Mecânica, Instalações Elétricas, Contabilidade, Técnico de Administração Pública, Secretariado, Desenho de Construção Mecânica, Secretariado de Saúde, Desenho e Projetista Electrónico. No entanto, com tantos alunos a organização da escola era escassa e algumas unidades da escola viriam a fechar, tais como a biblioteca, o refeitório, a sala de convívio e o ginásio que seria alugado para a prática de treinos de basquetebol. Enormes turmas e falta de professores levavam a escola à deterioração. Em 1986 surge uma nova lei do Ministério

da Educação que passa a escolaridade obrigatória para nove anos. Reaparece a formação profissional que tinha praticamente desaparecido e o ensino secundário que passa a ser de três anos (10º, 11º e 12º anos) que, para a continuação dos estudos, fica melhor organizado.

No ano lectivo 1980/81 iniciam-se os cursos de Artes com disciplinas artísticas específicas como a Geometria Descritiva (com o Método de Monge e Axonometrias), a disciplina Técnicas de Expressão e Práticas de Representação, a disciplina de História da Arte e a disciplina de Teoria do Design. Faziam parte do currículo escolar as disciplinas comuns a todas as áreas, como o Português, Língua Estrangeira e Matemática.

Em 1982 dá-se um incêndio na escola que destrói o telhado do edifício principal e inutiliza treze salas de aula, demorando mais de um ano a recuperar o que se tinha perdido. O descontentamento entre professores era manifestado através das greves que aconteciam inúmeras vezes.

Mais uma vez, o ensino volta-se para cursos Técnicos Profissionais. Abrem outras escolas na cidade e o número de matriculados no 7ºano desce, desanuviando a escola da sobrelotação.

Passados trinta anos do novo edifício ter sido inaugurado, a escola mostrava um grau elevado de degradação, chegando mesmo a chover nas salas de aula.

3.5. A Escola Secundária Sebastião da Gama

“A Pedagogia não é uma ciência exata como qualquer outra referente ao homem; pode ser uma ciência rigorosa, e sê-lo-á, quando não pretender atingir verdades gerais, mas pelo contrário, verdades humanas e, se possível, demasiado humanas”. (Plano Educativo, 2008, p. 1)

A reforma educativa em 1987 traz consigo o atual nome Escola Secundária Sebastião da Gama. O nome foi escolhido em homenagem ao poeta Sebastião da Gama nascido em Azeitão em 1924. Foi professor de

Português na instituição e dizem os relatos que tinha métodos muito próprios para cativar os alunos e era visto como um professor especial.

O Ministério exige melhorias em relação à qualidade do ensino e que os projetos pedagógicos próprios sejam direcionados para atividades, programas de vocação profissional e ocupação de tempos livres.

A escola reorganiza-se então da seguinte forma: curso unificado e o curso complementar diurno e, em regime noturno, o ensino técnico, que se mantiveram até ao ano letivo de 96/97. A disciplina de Teoria do Design desapareceu do currículo artístico.

O ensino noturno oferece cursos virados para a formação profissional. No ensino diurno estão cursos EFA até ao 9º ou até ao 12º anos, acabando com um certificado de nível 3 ou nível 4 que atualmente tem uma procura significativa.

Na área das Artes Visuais conta com as seguintes disciplinas específicas: Geometria Descritiva, Desenho, Oficina de Artes, tendo sido extinta a disciplina de Área de Projeto. A Geometria Descritiva passa a ser de dois anos assim como a História da Cultura e das Artes onde são incluídas outras áreas de ensino como as artes performativas e o cinema.

A escola secundária é dotada de uma construção arquitectónica típica do período do Estado Novo. Em 2009/2010 recebe uma intervenção ao abrigo do Programa de Modernização das Escolas do ensino Secundário do Parque Escolar.

Em 2011 foram inaugurados os novos edifícios. A escola apresentava um avançado estado de degradação. Nos últimos 57 anos de ensino e funcionamento, apenas haviam sido feitos pequenos restauros. Era urgente intervir profundamente para responder às necessidades dos alunos e dos professores e, acima de tudo, criar bem estar e harmonia. Atualmente, a escola está muito bem apetrechada com recentes tecnologias de informação, de acordo com o plano tecnológico. Nasce um novo edifício, entre o ginásio e o edifício principal, onde temos o bar, a papelaria/reprografia, uma sala polivalente, a biblioteca/centro de recursos, e ainda um campo de jogos descoberto. A remodelação foi feita a nível da estrutura arquitectónica, assim como a nível do equipamento mobiliário adequado às necessidades laborais específicas. Esta Escola Secundária

conta já com um longo percurso de existência, o que se reveste de uma enorme importância para cidade de Setúbal, sendo uma escola que tem formado cidadãos ao longo de gerações. Sempre com cursos bastante atuais para que os alunos encontrem resposta no mercado de trabalho, apostando assim também na formação profissional da população estudantil.

É uma escola que se preocupa com a educação e por este motivo abre portas no ensino noturno para que outras pessoas que por alguma razão não tenham terminado os estudos possam fazê-lo em horários acessíveis em regime pós laboral. A Escola Sebastião da Gama é assim herdeira de décadas de ensino com alterações próprias das épocas, tendo incluído com facilidade no mercado de trabalho centenas de alunos ao longo de todos estes anos de funcionamento. Até aos nossos dias, a escola mantém o objetivo de responder às necessidades na educação e formação locais.

3.6. O Patrono da Escola

Sebastião Artur Cardoso da Gama, nasceu em Vila Nogueira de Azeitão em 1924. Ficou conhecido como poeta e também professor. Licenciou-se em Filosofia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O Professor (Figura 4) lecionou em Lisboa, mais propriamente na Escola Industrial e Comercial Veiga Beirão. Em Setúbal, na antiga Escola Industrial e Comercial. Como professor, tinha práticas fora do comum, como se pode ler no seu diário em que escreveu sobre os seus alunos, em particular sobre correção de testes.

Conhece-se a sua colaboração nas revistas *Árvore* e *Távola Redonda*. Sebastião da Gama deixou-nos obra poética ligada à Serra da Arrábida. Estreando-se com o livro *Serra Mãe*, escrito em 1945. Foi também fundador da liga para a proteção da Natureza em 1948.

Morre em 1958 de tuberculose. Após a sua morte é editado *O Diário*, conjunto de poesias que refletem sobre o ensino e a sua experiência como docente, ficando o testemunho.

Foi inaugurado o Museu Sebastião da Gama em Azeitão, destinado a preservar a memória e a obra do “poeta da Arrábida”, como era conhecido.

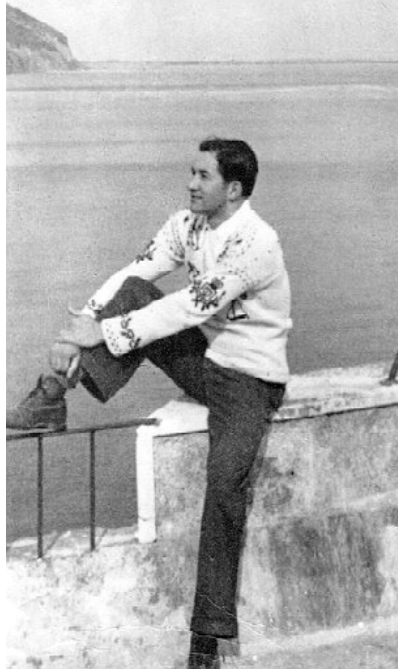


Figura 4. O Professor, Sebastião da Gama. Fonte: AA.VV, 2013a

3.7. Órgãos de Gestão e Administração

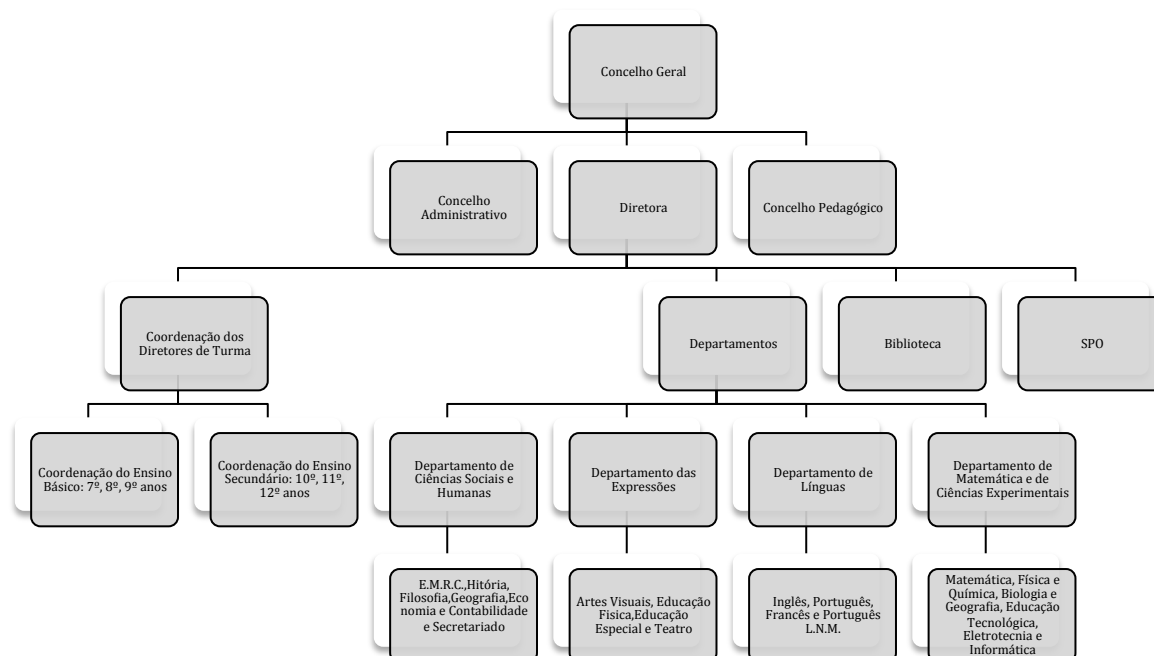


Figura 5. Organograma da Escola Secundária Sebastião da Gama. Fonte AA.VV, 2011a

No organograma (Figura 5) estão dispostos os órgãos de gestão e administração da Escola Secundária Sebastião da Gama. Como pilar está o Conselho Geral, onde pertencem o Conselho Administrativo, a Diretora e o Conselho Pedagógico. Estão definidos e divididos por, ensino básico e por ensino secundário as Coordenações compostas por diretores de turma. Podemos situar os vários Departamentos, assim como as áreas de formação de ensino referente. A par dos Departamentos faz parte a Biblioteca e o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).

3.8. Características Escolares – Projeto Educativo

O projeto educativo da Escola Secundária Sebastião da Gama está relacionado com a autonomia do estabelecimento de ensino (Decreto-Lei n.º 43/89). Assim sendo, a autonomia da escola baseia-se na elaboração de um

projeto educativo próprio, onde estão contidos princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar, tendo em conta as características e recursos das comunidades.

A escola constrói o seu projeto de forma criativa, coletiva e responsável. O Projeto Educativo tem como base o presente, a realidade sócio económica, geográfica e cultural, todos estes fatores determinantes para transformações de melhoria social. Promovendo a educação de pessoas inseridas em contextos sociais reais, e sujeitas a todas as vicissitudes da sociedade. A escola não está isolada, pelo contrário, esta integrada na comunidade, mas não deixa de ser uma organização complexa e com dificuldades, pois nela se refletem todos os circunstancialismos da sociedade.

Esta Escola Secundária também enfrenta um dos maiores problemas das escolas em geral: a sua sobrelotação. A procura elevada acaba, naturalmente, por se refletir num número de alunos excessivo no ensino em regime diurno. O regime noturno sofre o fenómeno oposto. A quase desertificação dos cursos da noite é, assim, um problema que a gestão da escola enfrenta.

A Escola Secundária Sebastião da Gama é uma escola heterogénea do ponto de vista étnico, sócio cultural e económico, incluindo camadas da população estudantil com gravíssimos problemas de miséria social e pobreza. Por este motivo há um número considerável de alunos a requerer o Serviço de Ação Social Escolar (ver Quadro 1).

Quadro 1. Requerentes de Serviço de Ação Social Escolar. Fonte: AA.VV, 2011a

Serviços Escolares	3º Ciclo	Secundário	Total de Alunos
SASE	147	132	279

A indisciplina é outra característica típica, e o seu combate faz parte do objetivo do projeto educativo, através da implementação de medidas preventivas e dissuasoras de manifestações de desinteresse, insubordinação e comportamentos desviantes. Encontrar metodologias facilitadoras da motivação e que promovam empenho dos alunos, bem como

o seu desenvolvimento pessoal e cívico são elementos centrais da proposta educativa. As novas instalações proporcionam diferentes respostas para os tempos livres dos alunos, essencialmente de carácter lúdico-educativo, especialmente na sala polivalente.

Os clubes existentes na escola são outro fator que une e educa os alunos: clube do Ambiente, clube da História e Património Local, clube de Xadrez e o clube de Teatro. Existe uma parceria com o Teatro Estúdio Fonte Nova, que colabora com a escola, promovendo os recursos na área do teatro e outras intervenções culturais. O clube do Artesanato foi recuperado, uma tradição que desde sempre foi característica da escola. As inúmeras iniciativas de carácter desportivo enriquecem o currículo do ponto de vista físico e cognitivo. Algumas destas atividades são também uma promoção da presença dos pais na escola, para que possam apreciar o trabalho dos seus filhos. *Conversas com Pais* é um debate promovido pelos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar.

As reuniões com Encarregados de Educação, quer a nível de turma, quer a nível de ano de escolaridade, quer ainda de âmbito mais alargado, são também forma de convidar os pais a estarem envolvidos na vida escolar dos seus educandos. Estimular a participação criativa dos próprios pais, transmitindo os seus saberes e experiências é também um objectivo a perseguir, muitos destes encarregados têm extremo apreço pela escola, já que também muitos foram alunos desta instituição.

Face a situações de pobreza e baixo nível de apoio familiar, é objetivo deste projeto promover iniciativas de interação com a comunidade social e económica local, estimulando práticas de apoio e interajuda. Criar condições que encorajem a autonomia, a autoconfiança, a realização pessoal dos alunos, assim como desenvolver estratégias que visem a sua atenção e a concentração, contribuindo para a diminuição do insucesso escolar e que conduzam a uma maior taxa de integração no mercado de trabalho. É também importante valorizar a aprendizagem através da partilha, da complementaridade, da confiança em si e no outro, bem como o prazer da cooperação e da inteligência socializada. Fazer por implementar a interiorização dos princípios de justiça, tolerância, da solidariedade, da cooperação e paz e ainda fomentar atitudes e valores que conduzam à

consciencialização da importância do ser humano na sua dimensão física, intelectual e ética.

A Interação com o Contexto Escolar tenta envolver a comunidade local, social, cultural, autárquica e económica no amplo e complexo quadro da educação escolar e da comunidade educativa. São criadas iniciativas escolares para que os alunos reconheçam o espaço físico, histórico e geográfico que os envolve, os condiciona e os caracteriza. Estas iniciativas proporcionam pesquisas, descobertas e experiências de contacto direto com o exterior. Promover ações que estimulem o sentido da defesa da natureza, do ambiente e da qualidade de vida são então parâmetros fundamentais.

Ao nível curricular a escola proporciona aos alunos um conjunto variado de opções formativas e curriculares, oferecendo um plano de estudos ao nível do ensino básico e secundário aprovados nacionalmente. Dinamizam-se projetos, ações e iniciativas que privilegiam o desenvolvimento das competências em Língua Materna e em Matemática. Incentivar a realização de iniciativas nas diversas áreas das artes (teatro, música, dança, pintura, fotografia, vídeo, artesanato, etc.) que ultrapassem o meramente circunstancial em ocupação pontual de tempos livres, vocacionando a escola para o conceito de escola cultural. O Projeto de intervenção na Escola Secundária de Sebastião da Gama esta lado a lado com a qualidade que quer proporcionar. Pretende conquistar mais autonomia para que o futuro da educação possa ser melhor. Intervir ao nível das boas relações entre professores, funcionários, alunos e pais. O ensino noturno tem vindo a aumentar, depois de um período de quase desertificação recuperou alguma dinâmica.

3.9. As Ofertas de Aprendizagem e Formação

3.9.1 Ensino Diurno no Ensino Básico

Existem um total de 26 turmas (Quadro 2) no ensino básico que somam um total de 640 alunos. Este número de alunos pertence ao ensino regular e aos cursos educação de formação.

Quadro 2. Turmas do Ensino Básico. Fonte: AA.VV, 2011a

Ensino	7ºano	8ºano	9ºano
Regular	8	8	8
CEF .- Operador de fotografia	0	1	0
CEF - Assistente Administrativo	0	0	1
Total de Turmas	8 Turmas	9 Turmas	9 Turmas

3.10. Ensino Diurno no Ensino Secundário

No ensino secundário existem um total de 23 (Quadro 3) turmas com um total 610 alunos, que pertencem aos cursos Científico Humanísticos e aos de formação profissional.

Quadro 3. Turmas no Ensino Secundário e Profissional. Fonte: AA.VV, 2011a

Cursos no Secundário	10ºano	11ºano	12ºano
Ciências Tecnológicas	2	3	2
Ciências Sócio Económicas	1	1	1
Línguas e Humanidades	1	2	1
Artes Visuais	1	1	1
	5 turmas	7 turmas	5 turmas
Cursos Profissionais	10ºano	11ºano	12ºano
Profissional de Marketing	1	1	1
Profissional de Eletricidade	0	1	1
Profissional de Artes do Espetáculo	1	0	0
	2 turmas	2 turmas	2 turmas

3.11. Atividades e Participações Escolares

Segundo um estudo escolar, o número de alunos ativos a participar no desenvolvimento e ações escolares, situa-se na média nacional (ver Quadro 4).

Quadro 4. Participação em Atividades Escolares. Fonte: AA.VV, 2011a

Participação em atividades escolares
Num total de 216 alunos
147 alunos são participantes nas atividades
Cerca de 68,1% de alunos participam

3.12. Ensino Noturno

Um dos grandes objetivos da Escola Secundária Sebastião da Gama foi aumentar a frequência para os cursos noturnos, os quais aumentaram significativamente a sua oferta de cursos de educação e formação de adultos (Quadro 5), no âmbito das novas oportunidades. Existem 13 turmas de ensino básico e secundário nos cursos de formação de adultos que são no total 237 alunos.

Quadro 5. Turmas no Ensino Noturno. Fonte: AA.VV, 2011a

Cursos	Nº de turmas
Certificação Escolar	2
Cursos de Dupla Certificação:	
Técnico Administrativo	4
Técnico de Contabilidade	3
Técnico de Condução de Obra	3
Técnico de instalações de sistema solares fotovoltaicos	1
Um total de 13 turmas no Ensino Noturno	

3.13. Formas Avaliativas

3.13.1. Ensino Básico

O método de avaliação requer percentagens e dados que decorrem ao longo dos três períodos de avaliação (ver Quadro 6).

Quadro 6. Tabela de Qualificações. Fonte: AA.VV, 2011a

Notas				
Qualitativas	Não satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bastante	Excelente
Notações em %	0-49	50-69	70-89	90-100

No que diz respeito à disciplina de Educação Visual o grupo define os parâmetros percentuais em reunião (ver Quadro 7).

Quadro 7. Avaliação na Disciplina de Educação Visual. Fonte: AA.VV, 2011a

CrITÉrios de Avaliação na disciplina de Educação Visual (7º, 8º e 9º anos)	%
Saber – conhecimentos	20%
Saber fazer – capacidades / competências	50%
Saber ser – atitudes e valores	30%

3.13.2. Ensino Secundário

A escola define que as qualificações (Quadro 8) são atribuídas ao longo do ano letivo nos três períodos escolares.

Quadro 8. Elementos de Avaliação no Secundário. Fonte: AA.VV, 2011a

Notas					
Qualitativas	Não satisfaz	Satisfaz	Bom	Muito Bom	Excelente
Notações	0-9	10-13	14-16	17-18	19-20

São estipulados critérios de avaliação nas disciplinas das Artes Visuais definidos pelo grupo (ver Quadro 9).

Quadro 9. Avaliação na Disciplinas de Artes Visuais. Fonte: AA.VV, 2011a

Critérios de Avaliação na disciplina de Artes Visuais	%
Saber – conhecimentos	25%
Saber fazer – capacidades /competências	55%
Saber ser – atitudes e valores	20%

3.14. No Quadro Docente

A escola conta com um quadro professores do género feminino mais elevado do que o género masculino (ver Quadro 10)

Quadro 10. Géneros. Fonte: AA.VV, 2011a

Sexo Feminino	Sexo Masculino
116	52

Os professores têm bastante experiência na prática de lecionação, sendo um total de 168 professores de várias faixas etárias (ver Quadro 11).

Quadro 11. Faixa etária. Fonte: AA.VV, 2011a

Idades compreendidas entre:	Nº de Docentes
25 – 29	4
30 – 35	20
36 – 40	16
41 – 45	23
46 – 50	28
51 – 55	40
56 – 60	31
61 – 66	6

A situação atual dos docentes é estável, verificando-se uma maioria de professores pertencentes ao quadro com um largo número (ver Quadro 12).

Quadro 12. Situação Atual dos Docentes na ESSG. Fonte: AA.VV, 2011a

Situação Atual dos Docentes na ESSG	
Quadro	128
Além do Quadro	22
Contratados a termo	18
Total de Professores	168

Em relação à proveniência dos docentes, a grande maioria vive na cidade de Setúbal, onde está localizada a escola secundária (ver Quadro 13).

Quadro 13. A Proveniência dos Docentes. Fonte: AA.VV, 2011a

Proveniência dos Docentes	
Professores que vivem em Setúbal	124
Professores que vivem fora de Setúbal	44
Total em percentagem	74% vivem na cidade de Setúbal

3.14.1. Situação Docente no Departamento das Expressões

No departamento das Expressões (Quadro 14), há um total de 21 docentes contando com as áreas de Artes Visuais, Educação Física, Teatro e Educação Especial.

Quadro 14. O Departamento das Expressões. Fonte: AA.VV, 2011a

Grupo Disciplinar	Efetivo	Contratado	Nº Professores
Educação Física 620	8	3	11
Artes Visuais 600	6	3	9
Educação Especial 910	0	1	1
Teatro	0	2	2

3.15. O Corpo Não Docente

O número do pessoal Assistente Operacional foi reduzido para mais de 1/3, constatando que no ano 2000 haviam 43 funcionários no ativo. Em 2006/2007 o número foi reduzido para 30 funcionários e neste momento a escola possui apenas 12. No total, conta com 28 assistentes técnicos e operacionais (ver Quadro 15).

Quadro 15. Número de Técnicos e Auxiliares. Fonte: AA.VV, 2011a

Assistentes	Nº de Assistentes
Operacionais	16 – rácio é de 29
Técnicos	12

3.16. Relações Humanas

3.16.1. A Relação Pedagógica

A relação pedagógica entre professores e os alunos é boa em grande parte, o que facilita o processo de ensino/aprendizagem (ver Quadro 16).

Quadro 16. A Relação Pedagógica. Fonte: AA.VV, 2011a

Relação Pedagógica	%
Muito elevado	15,5%
Elevado	32,5%
Medio	36,3%
Baixo	11,3%
Não conheço	2,5%

3.17. Caracterização das Instalações Escolares

3.17.1. O Projeto do Parque Escolar

A remodelação e ampliação da Escola Secundária de Sebastião da Gama está baseada numa estratégia de valorização do conjunto e da sua relação com a cidade de Setúbal. Esta valorização inclui os espaços exteriores e interiores. O projeto hierarquiza, reagrupa e localiza o programa e as circulações bem como o desenho do espaço exterior. A proposta parte da fixação de um espaço exterior central. Este espaço regulariza e completa a coroa de circulações, definindo um plano de pavimento apreensível como o centro da escola. A presença estruturante da Learning Street, foi interpretada de modo a interceptar todas as áreas da escola, reagindo à sucessão de espaços interiores e exteriores, cobertos e descobertos. Para que este sistema se torne eficaz tornou-se necessária a implantação do novo edifício, que contém a biblioteca, sala polivalente, reprografia, cafetaria e campo de jogos descoberto, entre o corpo principal de salas de aula e o corpo do ginásio. (AA.VV, 2008)

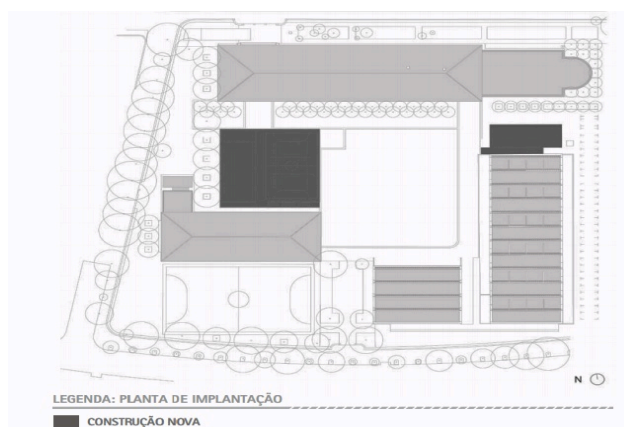


Figura 6. Planta de Implementação. Fonte: AA.VV, 2008

O projeto (Figura 6) implementado contou com intervenções arquitectónicas, para que a população escolar beneficiasse desta mudança. Foram considerados espaços exteriores e interiores da escola de forma harmoniosa tendo em consideração os espaços já existentes.

3.17.2. Caracterização dos Aspectos Arquitectónicos

A Escola Sebastião da Gama recebeu uma intervenção em 2009/2010 ao nível da remodelação, assim como a construção de um novo edifício valorizando todo o espaço interno e externo. Estas alterações foram pensadas para que houvesse uma relação entre o espaço público e o privado. Este projeto de modernização contou com o grupo de arquitetos da Parque Escolar que pretenderam valorizar o espaço interno e externo da escola, assim como o espaço envolvente, o centro da cidade de Setúbal.

No edifício A foi mantida a pintura a fresco de Luciano dos Santos, realizada com o propósito da inauguração da Escola em 1955 (ver Figura 7). Neste mesmo edifício foram realizadas as seguintes intervenções: substituição parcial da cobertura para instalação dos sistemas mecânicos; a instalação de um tecto falso nas salas de aulas que contém infraestruturas mecânicas, a remodelação da caixilharia em madeira existente, garantindo conforto térmico e acústico.



Figura 7. Fresco de Luciano dos Santos, de dimensão 2,42m x 6,90, 1955. Fonte Própria

A remodelação de todos os vãos interiores com pinturas e substituição de vidro martelado por acrílico. A substituição de pavimentos em tabuado de madeira das salas de aula. Foi instalado um elevador no átrio para permitir melhor acesso, acabando por reforçar a centralidade. Houve também uma reconstrução parcial do pavimento de mosaico hidráulico nas zonas de circulação. A escola recebeu uma pintura reparação geral do edifício e uma reabilitação de restauro de elementos como carpintarias, cerâmicas e cantarias.

Foi incluído ao projeto de remodelação o edifício B, onde se localiza a portaria junto ao portão de entrada da escola (Figura 8). Esta construção permite que funcionários da segurança possam controlar as entradas e saídas dos alunos, assim como a entrada de pessoas estranhas na escola. Incorpora ainda uma sala de trabalho apetrechada com arrumos e sanitários.



Figura 8. Portaria da Escola. Fonte: Própria

Tornou-se necessária a construção de um novo Edifício o C (Figura 9), que se localiza entre o núcleo principal de salas de aula e o campo descoberto de jogos. A sua construção recorre a um sistema de pórticos de betão e estruturas metálicas. Contém áreas programáticas cuja afetação nenhum dos espaços da escola tinha a possibilidade de receber. Este edifício está articulado com o átrio do edifício A através de uma manga em betão armado, onde se encontra a loja de conveniência do estudante. O

edifício agrupa a biblioteca (Figura 10 e 11) que se distribui em dois piso, a sala polivalente (Figura 12), a cafeteria, a reprografia/ papelaria (Figura 13) e o anfiteatro, numa lógica de circulação em coroa que atravessa esta última, de modo a intensificar a sua utilização como espaço de encontro.

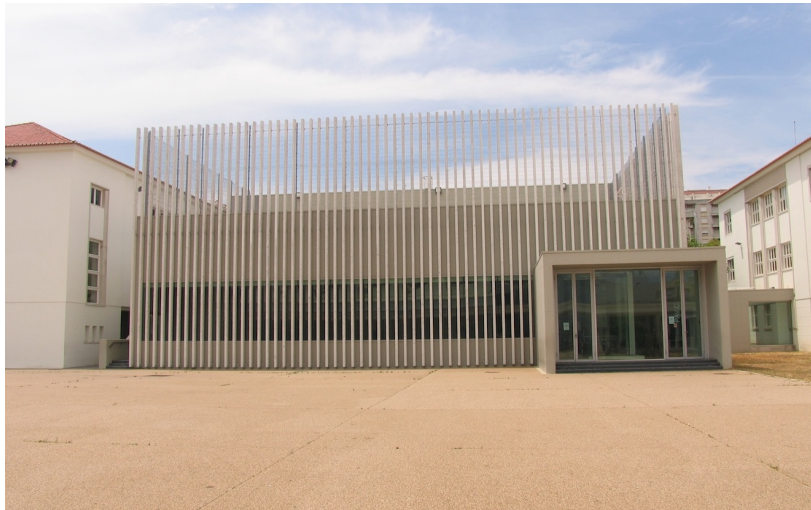


Figura 9. Novo Edifício C. Fonte: Própria



Figura 10. Piso 0 da Biblioteca.
Fonte: Própria



Figura 11. Piso 1 da Biblioteca. Fonte: Própria



Figura 12. Sala de Alunos. Fonte: Própria



Figura 13. Reprografia e Papelaria. Fonte: Própria

Ao edifício D corresponde ao ginásio da escola e também o refeitório. A intervenção consistiu na remodelação integral dos balneários no piso térreo, substituindo instalações e acabamentos, bem como a disposição tipológica.

A remodelação do refeitório verificou-se mais pela substituição de revestimentos e da melhoria do comportamento acústico. Foram também remodeladas as áreas de apoio à cozinha, como construção de um novo conjunto de espaços de apoio. Foi também construído uma área de apoio à recolha e armazenamento de lixo, bem como a dos arrumos exteriores.

No edifício O, a intervenção consistiu na transformação da estrutura da antiga oficina de modo a permitir a instalação de um campo de futsal, balneários e bancadas (Figura 14). Foi criado um campo desportivo coberto com iluminação natural, ficando preparado para a abertura da sua utilização à comunidade (para utilizadores externos) sem prejuízo de funcionamento

da escola. A estrutura pré-existente composta por pilares e vigas foi substituída por uma outra solução estrutural que permitiu a libertação dos pilares e a criação de uma área desportiva. Na ala poente, foram instaladas as instalações sanitárias, arrumos e a arrecadação geral.



Figura 14. Ginásio. Fonte: Própria

As oficinas foram também transformadas de modo a poder albergar mais espaços de sala de aula. Instalaram-se as salas de Desenho, Educação Visual, Geometria Descritiva e Oficinas de Artes, no piso 0 e no piso 1 incorporando seis salas de aula (ver Figuras 15 e 16).



Figura 15. Entrada para as salas das Artes Visuais. Fonte: Própria



Figura 16. Páteo das Artes Visuais. Fonte: Própria

Mantiveram-se os principais grupos de espaços de ensino e corrigiram-se utilizações dispersas, otimizando as áreas escolares. Foram criadas sombras com a plantação de árvores em espaços exteriores e restaurados pavimentos. Nestes espaços foi instalado mobiliário fixo, como bancos (ver Figuras 17 e 18).



Figura 17. Mobiliário fixo no exterior.
Fonte: Própria



Figura 18 . Zona replantação de árvores. Fonte: Própria

3.17.3. Caracterização das Salas de Artes Visuais

As salas de Artes Visuais (ver Figura 19) localizam-se numa parte lateral da escola onde no passado e antes das intervenções do parque escolar funcionavam as oficinas. São salas com um grande pé direito e bastante luz natural vinda da parte superior, onde estão colocadas janelas. Existe lavatório com bancada, armários com gavetas para guardar trabalhos e materiais. Estão estipuladas cinco salas para lecionar as disciplinas de Artes Visuais, que de um modo geral são bastante amplas (Quadro 17).

As salas estão equipadas com computador, internet e projetor digital e estão adequadamente mobiladas com estiradores e cadeiras giratórias. Dentro da própria sala existe uma segunda sala bastante mais pequena que funciona como arrecadação, apetrechada com prateleiras e armários, onde os alunos guardam os trabalhos realizados ao longo do ano. Contudo, esta secção apresenta algumas desvantagens do ponto de vista funcional: pobreza de luz natural, dado o posicionamento demasiado elevado das janelas, consequentemente pouco arejamento natural, e ainda o facto da luz na parte superior da sala não deixar ver o que se coloca no retroprojetor, já que não existe forma de controlar a intensidade da luz com cortinas ou estores.



Figura 19. Sala de Artes Visuais. Fonte: Própria

Quadro 17. Dimensão e Número de Salas das Artes Visuais. Fonte: AA.VV, 2011a

Salas específicas de Artes Visuais	Nº de Salas	Medidas em m2
Desenho / Geometria Descritiva	2	159.00m2
Educação Visual	1	79.65m2
Educação Tecnológica	1	103.55m2
Oficina de Artes	1	114.50m2

3.18. As Características da Turma F

Este estágio foi realizado com a Turma F do 11.º ano de escolaridade do Curso Científico-humanístico de Artes na Escola Secundária Sebastião da Gama. Trata-se de uma turma com 28 alunos, sendo 13 rapazes e 15 raparigas. Contudo, estão inscritos em Desenho A mais de 30 alunos, o que não acontece em mais nenhuma disciplina. Transitaram 24 alunos do passado ano letivo (2011/2012) e de outras escolas vieram 4 alunos também do 10º ano. As idades estão compreendidas entre os 15 e 20 anos, sendo que a média é de 16,8 anos. De um modo geral, os alunos são provenientes de classe média.

A maioria dos alunos reside em Setúbal, sendo poucos os que residem fora, dentre esses, as localidades são Azeitão, Quinta do Conde, Praias do Sado e Poceirão. Em geral, os alunos mostram especial interesse pelas disciplinas mais diretamente relacionadas com a área que frequentam, a saber, Desenho A, Geometria Descritiva A e História da Cultura e das Artes. Revelam mais dificuldades ou desinteresse por Matemática B e Português.

3.18.1. Os Alunos e o Trabalho Escolar

Os alunos têm uma carga horária obrigatória no 11º ano que corresponde às seguintes disciplinas: Desenho A, Educação Física, Filosofia, Geometria Descritiva A, História da Cultura e das Artes, Inglês, Matemática B e Português.

A disciplina de Desenho A é constituída por três blocos de 45 minutos em que está presente toda a turma, depois há ainda um momento em que a turma está dividida por turnos, sendo que cada turno completa três blocos de 45 minutos também. Este facto deve-se ao número elevado de alunos que frequenta a disciplina, o que por vezes poderá dificultar o ensino e prática do desenho. A turma quando dividida denota uma maior atenção e concentração nas propostas em sala de aula. Esta divisão da turma permite acompanhar os trabalhos de modo mais individualizado e personalizado em relação a cada aluno e às suas necessidades.

A turma tem um comportamento satisfatório e natural para indivíduos destas faixas etárias. Contudo, existem dificuldades de concentração e, por vezes, participações desordenadas, que forçam o professor a intervir com mais frequência, expressando insatisfação sobre atitudes ou intervenções menos desejáveis, retirando tempo útil de lecionação efetiva da matéria. Outra característica que se pode apreciar em alguns elementos da turma é a falta de método de trabalho ou uma tendência para a falta de prática e aplicação das matérias dadas. É perceptível no comportamento de certos alunos a falta de interesse pelos conteúdos lecionados, não demonstrando qualquer tipo interesse acerca das tarefas propostas pelo docente.

Fora do espaço escolar é requerido que os alunos desenvolvam pesquisa e procurem conceitos ou estudos que possam ser aproveitados em aula, como é o caso do diário gráfico, quer no âmbito da disciplina do Desenho, quer para outras.

CAPÍTULO IV

A Prática Profissional na Escola Secundária Sebastião da Gama

“É tendo em conta estes cenários que surge clara a necessidade de estabelecer um novo paradigma pedagógico e didático, que corresponda a novas formas de estar no estudo do estético-artístico, necessariamente muito particulares específicas.”
(Sardinha, 2006, p.1)

4.1. A Unidade de Trabalho – Exercício Proposto

A unidade didática centrou-se na proposta de trabalho com o tema *Integração de uma escultura/intervenção no espaço urbano*, com base também nos conteúdos propostos de lecionação de desenho do 11º ano e segundo o programa proposto pelo Ministério de Educação. Para esta unidade de trabalho foi realizada uma planificação de parâmetros pré-definidos, em que foi proposta aos alunos uma outra abordagem do desenho com vista a projeto que pudesse ser executado, abrangendo componentes teóricas e técnicas, assim, foi possível aos alunos idealizarem o seu projeto inserido num espaço real e, muitas vezes, familiar. Como apoio didático, esteve presente a utilização do recurso digital – através do computador e projetor, os alunos tiveram oportunidade de ampliar facilmente as imagens o que, de certo modo, facilitou a utilização da técnica de aquarela.

Os *slides* que foram apresentados previamente, antes de qualquer execução, apelaram à criatividade e contribuíram para a bagagem visual dos alunos, visto que o que se privilegia no exame de desenho é a criatividade e imaginação desenvolvidas, assim como a capacidade de representação. A falta de criatividade pode levar à desmotivação com relação às matérias dadas, uma vez que o aluno pode não compreender o que significa a criatividade nem como se conquista esta vertente nas artes.

Assim, a unidade de trabalho forneceu aos alunos ferramentas essenciais para chegar a fontes criativas, recorrendo aos pontos urbanos da

cidade de Setúbal em que estavam a trabalhar e descobrir ao seu redor a história ou algum outro aspeto que lhes chamasse a atenção, enquadrando um conceito idealizado num espaço público apto a acolher uma intervenção urbana.

A unidade foi planeada para um total de oito aulas, uma aula com três blocos e outra de dois blocos, num total de 20 tempos, incluindo as aulas sobre escultura e os seus processos e materiais e também as imagens de apoio e apelo a criatividade escultórica ou interventiva, para que os alunos ficassem com algumas noções mais definidas sobre o que é e como é feita a escultura. Contudo, o tempo para a execução desta tarefa deveria ter sido um pouco mais alongado. Assim teria sido possível um acompanhamento mais personalizado para fazer face às dificuldades de cada aluno e dar uma direção mais adequada, já que alguns alunos apresentaram dificuldades do ponto de vista criativo, essencialmente resistência em dissolver barreiras ou conceitos pré-estabelecidos.

4.2. Planificação das Aulas

Mais especificamente, em conjunto com o professor cooperante António Galrinho, foi desenvolvido o seguinte plano de estudos:

1. Visualização de seleção de slides relacionados com escultura, dividida em quatro conjuntos distintos, primeiramente, materiais de trabalho empregues em técnicas de escultura, em seguida, visualização da escultura ao longo da história de arte, posteriormente, escultura pública e, a finalizar, um conjunto de slides de intervenções urbanas da história recente.
2. Pesquisa fotográfica baseada na paisagem arquitectónica urbana da cidade de Setúbal.
3. Seleção da imagem pretendida para trabalhar, tendo por base um espaço público onde a intervenção escultórica pudesse ser colocada.
4. Ampliação da fotografia escolhida, com o auxílio do projetor da sala.
5. Pensar a escultura ou intervenção através de esboços de desenho desenvolvidos pelo aluno.

6. Incluir a escultura ou intervenção no desenho, como uma sobre imposição no espaço escolhido.
7. Aplicação de técnica de pintura em aguarela do desenho finalizado. A pedido do professor cooperante, para aperfeiçoamento da técnica de aguarela, foi decidido explorar o efeito de água no chão nos trabalhos.
8. Finalização e conclusão do trabalho e crítica e apreciação dos trabalhos em aula.

4.3. Planificação da Unidade de Trabalho

As abordagens à unidade didática estão dispostas na planificação (Quadro 18) de acordo com os conteúdos de aprendizagem propostos, competências a desenvolver pelos alunos, os recursos e materiais didáticos a utilizar e quais os aspetos a avaliar. A planificação acaba por ser uma previsão geral da unidade didática, em que estão traçados determinados objetivos para serem alcançados. A planificação implica flexibilidade, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

A unidade didática planificada pretendeu a idealização de uma escultura pública ou de uma intervenção em espaço público. Esta unidade teve como base de apoio a fotografia de um espaço urbano apropriado para receber a ideia escultórica ou intervenção. Foi necessário papel de alguma gramagem para desenho e aguarela. Pretendeu-se, com o visionamento prévio de *slides* em *Powerpoint*, um confronto com o processo de execução e criativo de escultura e intervenção públicas. Já numa fase final os alunos puderam pôr em prática a exploração da técnica de aguarela e incluir a sensação de água como se tratasse de uma inundação. A planificação foi realizada em parceria com o professor António Galrinho, o qual teve em consideração a sua planificação e os trabalhos anteriores dos alunos.

Quadro 18. Planificação da Unidade Curricular. Fonte: Própria

<i>Integração de uma escultura/intervenção no espaço urbano</i>				
Unidade curricular			Aulas previstas: 8	
Conteúdos	Competências	Recursos e materiais	Aspetos a avaliar	Trabalho a realizar
<p>VISÃO: Estímulos e percepções; o papel do cérebro</p> <p>MATERIAIS: Folhas A3, riscadores diversos, aguarelas</p> <p>PROCEDIMENTO Pesquisa fotográfica, registo manchas, traço. Transferência: projeção, ampliação Análise: esboços, escalas, perspetivas, ambientes Síntese: transformação e criatividade</p> <p>SINTAXE: Domínios: forma, cor, espaço, volume</p>	<p>Desenvolver capacidades de: observação, interrogação, interpretação, representação, expressão e comunicação</p> <p>Espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados, consciência histórica e cultural, sentido estético e artístico</p> <p>Articular percepção e representação visual</p> <p>Usar o desenho como instrumento de conhecimento e interrogação</p> <p>Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica</p> <p>Explorar diferentes suportes, materiais,</p> <p>Adquirir gosto pela experimentação e manipulação, visando novos desafios</p> <p>Compreender os efeitos expressivos resultantes da aplicação de luz e cor em estudos de composições</p>	<p>Utilização da internet, imagens projetadas, fotografias, equipamentos</p> <p>Exploração de materiais riscadores e aquosos: grafites, lápis de cor, esferográficas, carvão, tinta-da-china, pastéis secos, pastéis de óleo, aguarela e outras aguadas</p> <p>Exploração do suporte papel: diferentes marcas, texturas, gramagens, dimensões e cores</p> <p>Realização de esboços, estudos e trabalho final</p>	<p>Correta utilização dos recursos e materiais</p> <p>Domínio das técnicas e processos de desenho</p> <p>Capacidades de representação, síntese, análise, composição e transformação</p> <p>Desenho expressivo</p> <p>Criatividade e originalidade dos esboços, desenhos e trabalhos finais</p> <p>Avaliação: Fichas autoavaliação</p>	<p>Esboços de espaços urbanos, com riscadores sobre papel</p> <p>Esboços de esculturas ou intervenções, em espaços urbanos com riscadores sobre papel</p> <p>Desenho de espaços, com riscadores e aguarelas sobre papel</p> <p>Criação de uma escultura ou intervenção para um espaço urbano com técnica de aguarela sobre papel</p>

4.4. Construção dos Planos de Aula

Os planos de aula foram criados para que a unidade de trabalho fosse melhor distribuída ao longo das sessões, o que permitiu ter uma noção prévia do número de aulas que seriam necessárias para a conclusão da proposta. Planificar permite analisar as aulas e obter uma melhor gestão do ensino e aprendizagem. No final de cada aula planificada pudemos refletir sobre o ponto de situação dos alunos e de que modo estariam a progredir. Devido ao número elevado de alunos e tendo em conta que a disciplina é lecionada duas vezes por semana, subdividiu-se a turma em dois grupos. Uma das aulas semanais foi dirigida para a turma completa e a outra para cada um dos grupos individualmente. Esta divisão facilitou ainda mais a aplicação da planificação de aula e o acompanhamento individual dos alunos.

4.5. Sumários das Aulas

4.5.1. Aula 1

Sumário: Introdução à nova unidade didática de escultura e intervenção no espaço urbano. Visualização de slides sobre escultura, como retrospectiva histórica, e sobre materiais, utensílios e técnicas de escultura. Aclaração histórica, exposição e esclarecimento de questões propostas pelos alunos.

Análise: O teste de diagnóstico da turma passou pela análise de outros trabalhos realizados com o acompanhamento do professor cooperante. Ao analisar os trabalhos, compreendeu-se que havia alunos com algumas capacidades de concentração, interesse, motivação e/ou criatividade.

Os *slides* foram exibidos em *PowerPoint* e projetados na tela onde se encontra o quadro da sala de aula. Convinha que as imagens chegassem a todos. De um modo geral, a turma manteve uma postura atenta e interessada. O meio digital veio proporcionar maior benefício e mais valia para a turma.

A presença da estagiária foi algo estranho à turma, ainda que tivesse havido observação de aulas, não houve interação direta com os alunos.

Nesta aula de componente teórica, percebeu-se quais os alunos menos participativos e que menos interagiram. A maioria dos alunos manteve-se bastante interessada, pois não tinha contacto com temas da História da Arte (muitos dos alunos não escolheram a disciplina).

Nesta aula foi pedido como trabalho de casa o registo fotográfico das zonas urbanísticas da cidade de Setúbal, o que iria funcionar não só como pesquisa, mas também como fonte de trabalho na aula seguinte.

4.5.2. Aula 2

Sumário: Visualização de dispositivos em *PowerPoint* acerca de um conjunto variado de imagens sobre intervenções urbanas. Visualização individual da pesquisa fotográfica que os alunos trouxeram.

Análise: Explicação mais detalhada da unidade didática, através de exemplos das imagens visionadas. O conjunto de dispositivos sobre intervenções urbanas, concretizadas por vários artistas, foram de grande importância pois demonstram uma expressão plástica atual, com a qual muitos dos alunos se identificaram.

Com a pesquisa trazida pelos alunos pudemos em conjunto escolher as melhores fotografias de forma a valorizar o trabalho individual, ajudar na reflexão do local adequado para a escultura pública ou a intervenções urbanas. O trabalho da professora estagiária consistiu em esclarecimento de dúvidas ao nível da eleição do espaço fotografado e da proposta de cada aluno. Alguns dos alunos não fizeram o trabalho de casa e não trouxeram consigo a pesquisa fotográfica, ainda assim, outros alunos disponibilizaram-se a partilhar as suas imagens com o grupo. Outros grupo de alunos ainda, elegeu o espaço escolar como espaço urbano. Depois da sessão de esclarecimento, os alunos começaram a ampliação das imagens com utilização do projetor. Os alunos usaram folhas A3 ou A2 de alguma gramagem, visto que posteriormente nestes desenhos iriam ser aplicadas as técnicas da aguarela.

4.5.3. Aula 3

Sumário: Ampliação das imagens, esclarecimento de dúvidas e acompanhamento dos trabalhos. Acompanhamento da prática da criatividade dos alunos.

Análise: Nesta aula os alunos estavam motivados, pois queriam ampliar a imagem escolhida para trabalhar e começar a esboçar ideias para o espaço urbano que escolheram. Havendo apenas um projetor por sala, alguns alunos tiveram de esperar pela sua vez. Enquanto isso, a professora estagiária foi dando apoio aos trabalhos dos alunos.

Nesta fase, já com alguma confiança com os alunos, a professora estagiária foi tentando perceber quais as suas áreas de interesse nas Artes Visuais. Esta triagem acerca das inclinações dos alunos pelas várias áreas acabou por se refletir ao longo do trabalho dos alunos, desde as suas escolhas às suas motivações.

4.5.4. Aula 4

Sumário: Continuação da ampliação dos trabalhos dos alunos e esboços sobre a inserção da escultura no espaço. Acompanhamento dos trabalhos.

Análise: Nesta aula os alunos acabaram as ampliações e estavam empolgados para começar aplicação da técnica da aquarela, dando uma menor importância à criatividade, ou seja, à idealização de uma escultura ou intervenção no espaço. Alguns elementos da turma esboçaram novas ideias e outros alunos melhoraram as suas ideias iniciais. Cerca de quatro alunos não deram rendimento ao mesmo ritmo e por este motivo ficaram para trás face ao resto da turma.

Em geral, a aula correu bastante bem, os alunos quiseram iniciar as aquarelas e foram experimentando as cores para ver a potencialidade. As atividades decorreram conforme planeado.

4.5.5. Aula 5

Sumário: Continuação dos esboços e ensaios do desenhos de escultura e de intervenção no espaço. Início de pintura em aguarela.

Análise: Alguns dos alunos apresentaram ainda indecisões em relação ao pensamento criativo. Poucos alunos começaram a técnica de aguarela. De uma forma geral, os alunos já tinham alguns conhecimentos desta técnica, visto que a tinham posto em prática em outras unidades didáticas. Alguns alunos iam apresentando dúvidas quanto ao resultado final sobre o desenho da escultura. Nesta aula foram poucos os alunos que começaram a aguarelar a representação da água no chão.

4.5.6. Aula 6

Sumário: Continuação da proposta de trabalho. Pintura em aguarela. Orientação aos alunos.

Análise: Iniciou-se a aula com a continuação do que já tinham vindo ser realizado nas aulas anteriores. Alguns alunos mais demorados deram por finalizados os desenhos para passar então à fase de aguarela. Muitos dos alunos tiveram dificuldade na representação da água no chão e das suas transparências ou cores a utilizar para não sobrecarregar a imagem.

Um pequeno grupo de alunos esteve bastante tempo desmotivado para a realização do exercício, no entanto um desses alunos ia fazendo muito lentamente o que lhe competia. Ao mesmo tempo, sugeria ideias aos alunos restantes neste grupo, motivando-os a trabalhar.

4.5.7. Aula 7

Sumário: Conclusão da aplicação da técnica da aguarela.

Análise: Nesta aula lecionada houve reajustes nas tarefas, visto que os alunos não as tinham concluído no prazo previsto. Portanto, foi cedida mais uma aula para que todos concluíssem sem exceção os trabalhos a finalizar. Foi levado a cabo um apanhado geral que ao qual se chegou à conclusão

que mais uma aula chegaria para que todos concluíssem o exercício proposto.

4.5.8. Aula 8

Sumário: Entrega dos trabalhos finalizados. Conclusão. Preenchimento das fichas de autoavaliação.

Análise: Os alunos no final da aula entregaram os trabalhos concluídos. Preencheram ainda as fichas de autoavaliação. O cumprimento do prazo proposto foi negativo para muitos dos alunos. Apesar de haver um cumprimento da planificação, a lenta prestação dos alunos e algumas dificuldades levaram a atrasos nos prazos estabelecidos, o que levou a uma adaptação do plano de aula.

De um modo geral, foi bastante satisfatório o resultado final apresentado pela turma. Os alunos mostraram satisfação e foram analisados pontos onde poderiam melhorar a técnica e a criatividade. No final da aula foram devolvidas as fichas de autoavaliação.

4.6. Recursos Didáticos

Os recursos didáticos são habituais em sala de aula, funcionam como meios facilitadores uma melhor comunicação e o favorecer do ensino e aprendizagem.

Durante o decorrer do estágio, a utilização dos recursos didáticos centrou-se maioritariamente em meios digitais. A utilização de dispositivos de *PowerPoint* foi imprescindível para que fossem visualizados pela turma um conjunto de *slides* que serviram de exemplos explicativos para o trabalho a desenvolver (ver Anexos 1,2,3). Estes recursos digitais fizeram com que a turma se mantivesse bastante atenta e interessada, fazendo perguntas variadas no âmbito do tema. Os *slides* surgiram como auxílio ao aluno, em que a partir da visualização pode extrapolar notas de pontos importantes para o trabalho a realizar.

Foi também utilizado o projetor como recurso didático, o que auxiliou os alunos na projeção de imagens, ampliando-as e facilitando o desenho na folha. A sala de aula continha apenas um projetor, o que fez com que houvesse algum tempo de espera entre as ampliações dos desenhos. É facto que foi uma causa de desfavorecimento ao trabalho dos alunos, mas que acabou por dar a oportunidade de pensar e de esboçar algumas ideias sobre a escultura/intervenção durante o referido compasso de espera. A fotografia como fonte de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho do aluno, e de posterior seleção, foi também um recurso externo às aulas. O recurso fotográfico é, de alguma forma, ambíguo, ou seja, manipulável do ponto de vista da possibilidade de transformação da imagem. A utilização destes materiais está descrita na planificação da unidade curricular.

Outros recursos manipuláveis foram os materiais necessários para a prática da disciplina de Desenho utilizados na tarefa proposta. As folhas de papel adequado consoante o objetivo e os materiais riscadores estiveram, por assim dizer, na base das Artes Visuais, sendo de extrema importância no desenho.

Por fim, as propostas dos alunos foram fotografadas como registo visual para ficarem no portfólio da professora estagiária como apontamento da unidade.

CAPÍTULO V

Resultados e Avaliação

5.1. Registo dos Resultados Obtidos

Os trabalhos realizados pelos alunos dividiram-se em quatro momentos. Numa primeira fase a visualização dos *slides* sobre escultura pública/intervenções urbanas, materiais e processos de trabalho. Numa segunda fase, a pesquisa fotográfica sobre os espaços urbanos da cidade de Setúbal.



Figura 20. Processo de realização da unidade proposta.
Fonte: Própria

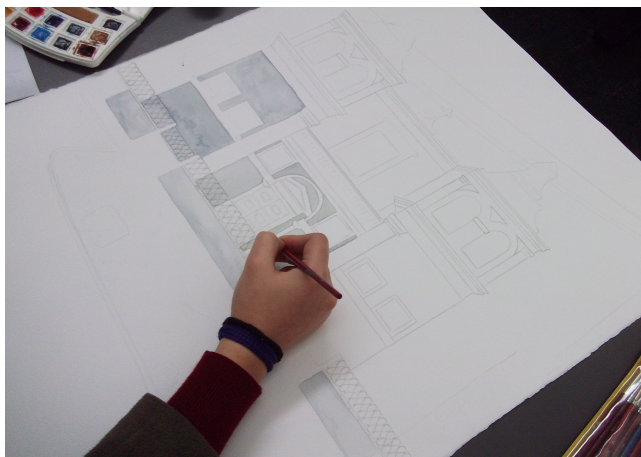


Figura 21. Processo de realização da unidade proposta.
Fonte: Própria

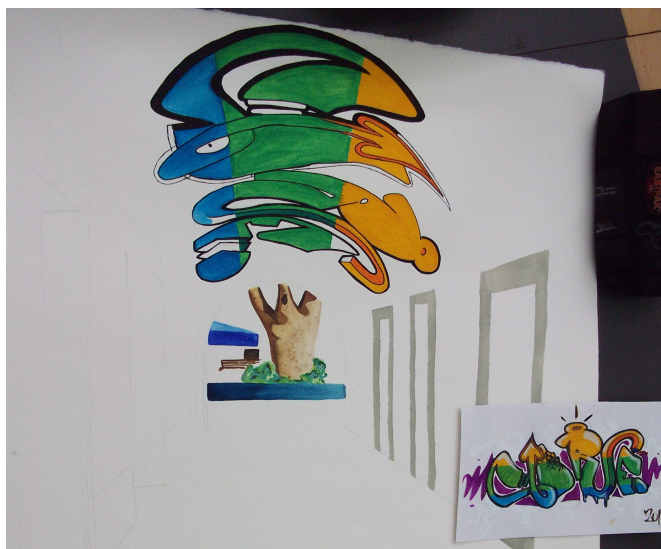


Figura 22. Processo de realização da unidade proposta.
Fonte: Própria

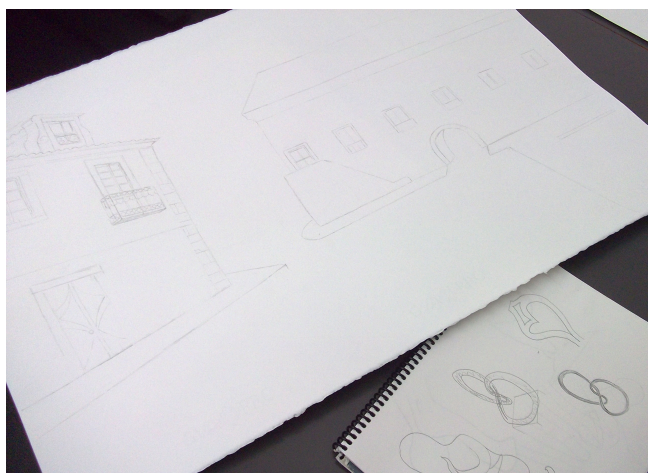


Figura 23. Processo de realização da unidade proposta.
Fonte: Própria

Já num terceiro momento, os alunos desenvolveram a prática do desenho aliado à criatividade necessária para a construção figurativa da peça escultórica/intervenção agregada no espaço urbano escolhido (Figuras 20, 21, 22, 23). Por último a aplicação da técnica de aquarela (Figuras 24 25, 26) finalizou a proposta de trabalho. Os alunos reuniram um conjunto de competências apresentadas no trabalho final.



Figura 24. Finalização da unidade proposta. Fonte: Própria



Figura 25. Finalização da unidade proposta. Fonte: Própria



Figura 26. Finalização da unidade proposta. Fonte: Própria

5.2. Momento Avaliativo

Para a avaliação desta unidade didática foram atribuídos valores em variados parâmetros: nas atitudes, técnicas utilizadas, capacidades cognitivas, interesse demonstrado, entre outros (ver Apêndice 5). A unidade didática é parte de uma soma avaliativa, que fez parte de um somatório ao longo do ano lectivo. No entanto, para este momento avaliativo, o desempenho dos alunos foi analisado por referências e critérios, e integrado numa apreciação das aprendizagens concretizadas, face às finalidades consideradas e aos objetivos orientadores da ação.

Na leção temos como objetivo fazer aprender através da prática do ensino-aprendizagem, no entanto, este processo do saber está conectado com outra característica do ensino, a avaliação. Neste princípio, está contida uma apreciação sobre as atitudes, pensamentos, conhecimentos adquiridos, capacidades e aplicações.

Esta unidade curricular não foi exceção em averiguar os elementos acima descritos que constam nas bases da avaliação. No processo avaliativo, temos de ter em conta a proveniência do aluno, considerando que

as aprendizagens são constantes sociais, o que influencia a formação do aluno (Fernandes, 2005, p.16), afetando por sua vez as suas capacidade de adquirir competências em sala de aula.

Para esta unidade curricular, a avaliação não se cingiu apenas a uma classificação de alunos traduzida em notas finais, teve sim como objetivo uma constante melhoria nas aprendizagens, usando o método da compreensão das dificuldades sentidas pelos alunos. Avaliando desta forma, o aluno pôde esperar *feedback* por parte do professor e tentar superar sempre da melhor maneira a tarefa proposta.

Esta turma, caracterizada pela heterogeneidade e com um número de alunos alargado, surpreendeu do ponto de vista positivo, visto que foram poucos os que estiveram desinteressados ou pouco produtivos na tarefa proposta. O trabalho da turma foi no geral positivo, (Quadro 19) com classificações entre o 10 e o 19, sendo que a média de classificação global foi de 14,2.

Foi pedido a cada aluno que preenchesse a ficha de autoavaliação (ver Apêndice 4) para que o professor e também o próprio aluno pudessem ajuizar os objetivos realizados individualmente. O professor pôde ter uma leitura sincera da perspetiva que os alunos têm de si mesmos, da sua e de como se manifestaram os conhecimentos adquiridos ao longo da unidade.

Quadro 19. Classificações da Unidade Curricular. Fonte: Própria

Classificação	Nº de alunos
10	2
11	3
12	não constam
13	3
14	1
15	3
16	5
17	3
18	não constam
19	1
20	não constam
Média de Turma	14,2

5.3. Reflexão Crítica da Unidade de Trabalho

O professor cooperante António Galrinho preparou a turma previamente para que os alunos recebessem a professora estagiária e aceitassem a unidade didática proposta. Na unidade didática estiveram referidos os objetivos pressupostos, assentes no desenvolvimento de competências.

O planeamento de aulas foi estruturado com base no programa de Desenho A do 11º ano do Ministério de Educação. Estiveram em causa a experimentação de técnicas, o alerta para o desenvolvimento da criatividade e o apelo a uma proposta consistente com estes parâmetros. Planear a unidade didática exigiu uma adaptação à turma ao ter em conta as características da mesma e as capacidades dos alunos. Esta unidade contou também o desafio de desenvolver o trabalho fora da escola.

Ao longo destas oito aulas houve consciência que os prazos provavelmente teriam de ser alargados, porque inclusivamente o professor cooperante já tinha mencionado que era hábito a turma atrasar-se na entrega de trabalhos. Esta unidade reclamava ritmo de trabalho e organização de etapas, algo que ficou aquém do desempenho da turma enquanto um todo.

No final todos os trabalhos foram entregues, apresentando bons resultados de um modo geral, embora se tenham registado as dificuldades acima referidas na gestão de tempo disponível para a tarefa.

Esta unidade exigiu uma concepção prévia, criando alguma expectativa sobre o que poderia ser o trabalho final, ou como iria resultar. Correu-se algum risco com a técnica de aquarela, dada a pouca experiência dos alunos com a mesma.

A interação da professora estagiária com a turma foi positiva, o que influenciou bastante o resultado final.

A avaliação quantitativa realizada obteve uma média de 14,2. A nota mais baixa foi de 10 e a mais alta de 19, não havendo notas negativas. Pelos resultados dos alunos podemos concluir que são produtivos, embora alguns elementos da turma necessitem exercitar muito mais o lado criativo, uma vez que não se desligam com facilidade de respostas convencionais.

Discussão e Conclusões

A prática de ensino supervisionada traduz-se neste presente documento o reflexo de uma unidade didática lecionada. Na prática profissional, incorporada no Mestrado em Ensino das Artes Visuais, esteve integrada a oportunidade de conhecer aprofundadamente uma escola, como se organiza, como se caracteriza e em que moldes funciona.

A emblemática Escola Secundária Sebastião da Gama em Setúbal é uma escola que atravessou as várias mudanças ao longo dos tempos às quais se adaptou. As várias reformulações ao nível da arquitetura e até ao nível do nome da escola têm sido notáveis. A sua localização central, tem enorme influência na caracterização da população escolar, o que motiva a vinda de alunos de outras localidades periféricas à cidade. A renovação da Escola Secundária Sebastião da Gama veio contribuir para o melhoramento dos espaços de ensino das Artes Visuais, oferecendo maiores condições de trabalho e conforto aos alunos.

Foram percorridos caminhos bastante enriquecedores que permitiram a investigação e a formação para a prática do ensino. Foram adquiridos conhecimentos e ferramentas essenciais para o desempenho da profissão de docente. No momento da prática profissional foram vividas experiências no campo de trabalho, ou seja a sala de aula, onde se pode aplicar saberes, entendimentos ou compreensões de temas estudados.

Durante a prática profissional foram vividas experiências relacionadas com ensino-aprendizagem. Foi feita uma integração numa turma e lecionada uma unidade didática constituída por uma planificação orientadora para a unidade didática, assim como planos de aulas aplicados. Os recursos didáticos foram utilizados de forma a auxiliarem os alunos à medida que iam realizando a tarefa proposta. Esta experiência deu primazia à aplicação de estratégias de ensino em favor do crescimento do aluno e do seu desenvolvimento equilibrado. Foram postas em prática tarefas motivadoras que apelaram ao hábito criativo. A unidade curricular lecionada deteve conteúdos que requereram um método de ensino diverso. Os alunos foram incentivados para ações positivas no decorrer da unidade didática.

A importância do ensino das Artes Visuais baseia-se no desenvolvimento pessoal e mental. “Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 1975, p. 2), a arte desenvolve capacidades específicas e úteis para a formação do indivíduo.

A profissionalização dos docentes tem vindo a ser uma realidade, para que possam ter um maior leque de conhecimentos de lecionação a fim de serem transmitidos da melhor forma aos alunos. Os recursos didáticos, são um auxílio à prática da docência, pois são vias facilitadoras do ensino-aprendizagem desde que adaptados ao meio, podendo proporcionar ambientes positivos.

Ao longo dos vários capítulos foram abordadas questões ligadas às estratégias de ensino que são a base do contexto escolar. Esta concepção é concretizada num formato de organização das atividades em aula tendo em conta a validade estratégica, que leva em consideração, a análise, a integração, hipóteses colocadas, capacidade de selecionar, organizar e decidir (Roldão, 2009, p. 95). As estratégias de ensino entram num campo de dimensão mais crítica, para que exista uma maior influência nos fundamentos apresentados. Traduzem-se no favorecimento da aprendizagem, dirigido para que haja uma melhoria constante na prestação dos alunos.

O currículo e a avaliação são temas que também se inserem nas estratégias de ensino, é parte unificadora da aprendizagem, mas no entanto vive numa mudança constante, que tenta moldar-se às mais variadas problemáticas sociais e diversidade cultural dos alunos. Esta questão humanista está em destaque nas instituições escolares, onde se debatem a integração social e inclusão das competências para a aprendizagem. A avaliação é um tema forte que contém elementos estipulados na planificação e que fazem parte integrante do trabalho do professor. A avaliação deverá estar voltada para a reflexão de modo que as tarefas propostas tenham em consideração o progresso e as dificuldades dos alunos. É feito um juízo do indivíduo através da recolha de evidências, no entanto é necessário

considerar a exigência cognitiva das tarefas propostas, ajustadas à evolução dos alunos para alcançar conclusões.

O presente relatório reflete sobre temáticas expostas e elaboradas ao longo dos estudos e das disciplinas de apoio incluídas no Mestrado. Os conceitos abordados são os que mais contribuem para a aquisição das competências, quer para o professor quer para o aluno. Para um ensino melhor e mais enriquecido é preciso denotar elementos relevantes, como a influência sócio económica presente no campo da educação, a diferença de indivíduo para indivíduo, por conseguinte a heterogeneidade da turma. A prática profissional da docência procura um crescimento de competências, assim como enriquecer as capacidades do aluno de forma adaptada.

Para que sejam aplicados estes conceitos é necessário compromisso e dedicação por parte do docente, para que saiba dar um especial destaque às adversidades que possam surgir e por conseguinte, encontrar uma resolução favorável ao aluno, tendo em conta o decorrer dos objetivos. Em suma, é necessário compreender o que é ensinar, quais as estratégias adotadas e o modo como as aplicar em ambiente de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV (2008). *Parque Escolar ESSG*. [Consult. 2013-05] . Disponível URL: <http://http://www.parque-escolar.pt/pt/escola/092/>
- AA.VV (2005). *O Passado da Escola*. [Consult. 2013-08] . Disponível URL:<http://www.prof2000.pt/users/joanes/web02/terceira.htm>
- AA.VV (2013a). *Patrono da ESSG*. [Consult. 2013-06] . Disponível URL:http://compendio.prof2000.pt/matafernandes/Gama_VObra.htm
- AA.VV (2013b). *Picos de Roseira Brava*. [Consult. 2013- 08] . Disponível URL: [http:// picosderoseirabrava.blogspot.pt](http://picosderoseirabrava.blogspot.pt)
- AA.VV (2013). *Plataforma Moodle ESSG*. [Consult. 2013-05] . Disponível URL:<http://moodle.essg.prof2000.pt>
- AA.VV (2011a). *O Projeto Educativo da ESSG*. [Consult. 2013-05] . DisponívelURL:<http://www.prof2000.pt/users/joanes/web02/terceira.ht>
- AA.VV (2011). *Regulamento Interno da ESSG*. [Consult. 2013-06] . Disponível URL:<http://www.essg.pt/docsessg/regulamentointerno.pdf>
- Alarcão, I. (2001). *A Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*, Porto Alegre: Artmed, Ed. Artmed.
- Arnheim, Rudolf. (1986). *Arte & Percepção Visual. Uma Psicologia da Visão Criadora*, São Paulo, Pioneira Editora, 4ª edição.
- Arnheim, Rudolf. (1980). *O Poder do Centro*. Lisboa, Edições 70
- Barbosa, Ana Mae. (1975). *Teoria e Prática da Educação Artística*. São Paulo: Cultrix
- Barbosa, Ana Mae. (2008). *Arte / Educação Contemporânea –Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez
- Carvalho, R,. (1985). *História do Ensino em Portugal*. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian
- Cerqueira, J. B. & Ferreira, E. M. (2007). *Recursos Didáticos na Educação Especial*. Instituto Benjamim Constante, Rio de Janeiro. [Consult. 2013] Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?itemid=102>
- Claro, R., (2000). *Um Século de Ensino Técnico Profissional em Setúbal*. Setúbal: CMS
- Ferraz, M.J., Carvalho, A., Dantas, C., Cavaco, H., Barbosa, J., Tourais. L., et, al. (1994). *Avaliação Criterial /Avaliação Normativa*. In: Pensar a avaliação, melhorar a aprendizagem. Lisboa: IIE
- Ferreira, C. (2004). *Educar com e para a Criatividade*. In: Revista Ensinante, Vol. nº 4/5, Primavera/Outono 2004, Braga: Bezerra (35-54).
- Formosinho, J. (1992). O Dilema Organizacional da Escola de Massas. In Revista Portuguesa de Educação, (vol. nº 5), (23-48).
- Gomes, Joaquim Ferreira. (1975). *A Estrutura da Inteligência e a Criatividade* (As Investigações de J.P. Guilford). Coimbra: Casa do Castelo Editora
- Graells, P.M. *Los Medios Didácticos*. [Consult. 2013-06] Disponível em URL:<http://peremarques.pangea.org/médios.htm>
- Hausman, J. (1967). *Teacher as Artist & Artist as Teacher*. Art Education, 0(4) pp.13-17
- Hernandez, Fernando. (1998). *Transgressão e Mudança na Educação*. São Paulo: Artmed
- Kandinsky, Wassily. (1978). *Ponto, Linha, Plano*. Lisboa: Edições 70

- Lowe, R. (1958), *The Artist-as-Teacher*. Art Education, 11(6), 10-19
- Quintas, Maria da Conceição. (1998). *Economia, Sociedade e Cultura Operária, 1880-1930*. Lisboa: Livros Horizonte
- Jardim, António. (2002). *Imagin`arte Educação Visual Livro do Professor*. Lisboa: Anaya
- Lei de Bases do Sistema Educativo. [Consult. 2013-08] .
Disponível URL:http://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM_Doc/Mid_13_2/Doc_1172/Anexos/LBSE%20Lei%2049%202005.pdf
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and Personality*. New York: Harper & Row
- Mcckracken, W. (1959). *Artist-Teacher*. Art Education, 0 (2), pp. 4-5
- Mogarro, M.J. (2005). *Manuais Escolares no Portugal do Estado Novo*. In J.L.
- Morais, M. F. (2011). *Criatividade: Desafios ao Conceito*. In Actas Congresso Internacional de Criatividade e Inovação. Editora Criabrasilis
- Munari, Bruno. (1982). *Das Coisas Nascem Coisas*. Lisboa: Edições 70
- Read, Herbert. (1982). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70
- Roldão, M. (2010). *Estratégias de Ensino*. Vila Nova De Gaia: Fundação Manuel Leitão
- Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*. Lisboa: Presença
- Santos, A. M. R. S. e Balancho, M. J. S. (1990), *A Criatividade no Ensino Português*. Lisboa: Texto Editora
- Sardinha, Idalina. (2006). *Arte e Pedagogia*. Oeiras: Celta
- Novoa, António. (1995). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote
- Oliveira, J., Formosinho, Kishimoto T. M., Pinazza M., (2007) *Pedagogia da Infância*. São Paulo: Artmed
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto: Editora
- Walker, S. (2004). *Big Ideas – Reflective Practice*. Art Education, pp. 6-12
- Zabalza, M. A. (1992). *Do Currículo ao Projeto de Escola*, In: Canário, R. (org.) *Inovação Projeto Educativo da Escola*. Lisboa: Educa

APÊNDICES

Apêndice 1. Apresentação em *PowerPoint*. Escultura, Materiais e Técnicas

Escultura

Utensílios, Materiais e Técnicas

1

Utensílios para Pedra



2

Maquinaria



3

Goivas para Madeira



4

Estiletes para Barro ou Gesso



5

Tecos para Barro



6

Fresas para Pedra



7

Esculpir em Pedra



8

Esculpir em Pedra



9

Esculpir em Pedra



10

Molde de Gesso



11

Processo de Escultura



12

Escultura em Barro



13

Esculpir a Madeira



14

Escultura em Madeira



15

Modelos de Escultura em Gesso



16

Molde Gesso, contra molde silicone e escultura final em Resina



17

Pigmentos



18

Modelagem - Metal



19

Fundição de Metais



20

Soldadura



21

Vidro



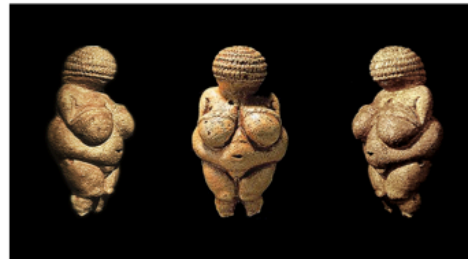
22

Apêndice 2. Apresentação em *PowerPoint*. Escultura Visitada

Escultura

Visitada

Venus de Willendorf



Busto de Nefertiti



Míron - O discóbolo



Grupo laocoonte



Apostolos Sé de Évora



David de Michelangelo



7

Bernini - Êxtase de Santa Teresa



8

Canova - Amor e Psiqué



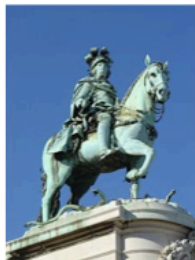
9

Rodin - O Beijo



10

Machado de Castro – Estátua Equestre de D. José



11

O Desterrado - Soares dos Reis



12

Teixeira Lopes - Verdade



13

A Bailarina de 14 Anos – Edgar Degas



14

Umberto Boccioni



15

Ducham - Ready Made



16

Constantin Brancusi - O beijo



17

Henry Moore - Figura Reclinada



18

Picasso – Cabeça de Touro



19

Salvador Dali



20

Josef Beuys – Fato de Feltro



21

Dan Flavin – As Luzes



22

Long Richard Long- Céu e Terra



23

Alexandre Calder - Vermelho Triunfante



24

Apêndice 3. Apresentação em *PowerPoint*. Escultura Pública/ Intervenção Urbana

Richard Deacon



3

Oldenburg



4

Antony Gormley



5

Anish Kapoor



6



7

José de Guimarães



8

Joana Vasconcelos



9

Oldenburg



10

George Segal



11

Robert Indiana



12

Louise bourgeois



13

Paulo Victor Martins



14

Janet Echelman



15

Richard Deacon



16

Alexander Calder



17

Tony Craig



18

Intervenções Urbanas



Alexandre Farto Aka Vilh, Moscovo, Russia (2010)

1



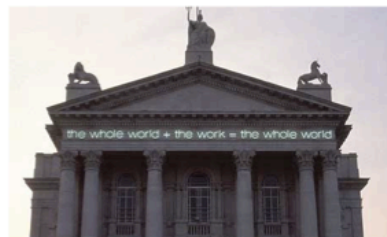
J.R. Favela do morro da Providência. Rio de Janeiro, Brasil (2008)

2



J.R. Favela do morro da Providência. Rio de Janeiro, Brasil (2008)

3



Martin Creed "The whole world + the work = the whole world,"
Centro de arte Contemporânea, Ujazdowski Castle, Varsóvia,
Polónia (2000)

4



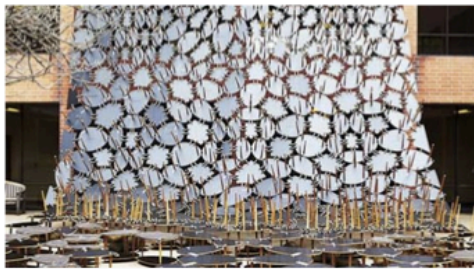
Guto Lacaz, *Periscópio*, Edifício Alexandre Mackenzie, São Paulo, Brasil (1994)

5



Simon Decker, *Gum Sculpture*, Veneza, Itália (2009)

6



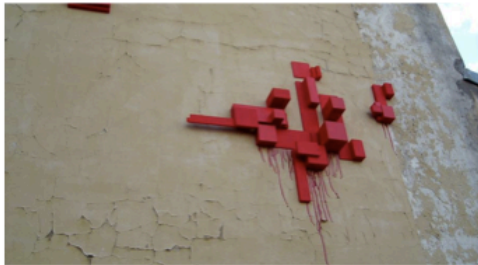
Ball-Nogues, *Table Cloth*, Escola de Música Schoenberg, California, USA (2010)

9



Jan Vormann, *Dispatchwork*, Roma, Itália (2007)

10



Truth, *Projeto Truthtag*, Pulawy, Polónia (2004)

7



Gêmeos, Lisboa, Portugal (2010)

8



Bonnie Malkin, Austrália (2005)

11



Dolores Salcen, Istambul, Turquia

12



Christo e Jeanne Claude, *Wrapped Reichstag*,
Berlim, Alemanha (1995)

17



Richard Wilson, *Turning of the Place Over*, Liverpool,
Inglaterra (2007)

18



Michael Johansson, *Self Contained*, (2010)

13



Dan Harel & Dean Ruck, *Inversion*, Houston, USA

14



Anônimo, Avignon, France

15



Filthy Luker, *Octopus* (2009)

16

Apêndice 4. Ficha de Autoavaliação – Unidade de trabalho.



Escola Secundária Sebastião da Gama

Ficha Autoavaliação: 11º ano Turma F – Desenho A

Nome _____

Nº _____

Responde à Ficha de Autoavaliação da Unidade Didática

Mau, Medíocre, Suficiente, Bom ou Muito Bom (acrescido de + ou – caso necessário)

Aquisição de Conceitos	Domínio dos conceitos:	
	Pesquisa	
	Espaço	
	Escultura /Intervenção	
	Técnica	
	Domínio da linguagem plástica	
	Criatividade	
	Composição	
Concretização das Práticas	Capacidade de análise e de representação	
	Capacidade de interpretação e reinvenção	
	Capacidade de identificação de recursos técnicos e processuais	
	Domínio de meios atuantes, e de recurso técnico	
Valores e Atitudes	Desenvolvimento do espírito de observação e atenção visual	
	Desenvolvimento de expressividade gráfica personalizada	
	Cuidados de segurança e higiene no trabalho	
	Participação e envolvimento no trabalho proposto	
	Comparece na aula com o material necessário	
De 0 a 20 classifica o trabalho final realizado		
De 0 a 20 classifica o teu desempenho no decorrer do trabalho		
Observações e Conclusões		

Apêndice 5. Tabela Avaliativa



Escola Secundária Sebastião da Gama

Áreas do saber / Fazer

Competências Avaliadas	Objetos de avaliação	Percentage m
Pesquisa Compreensão dos conceitos Capacidades de representação Aplicação de conhecimentos Linguagem técnica e artística Domínio da expressão Criatividade Interpretação	Avaliação Formativa Unidade Curricular	80%

Áreas do Saber Ser / Estar

Materiais para trabalhar Tarefas cumpridas Autonomia de estudo Solidário Respeito Compreensivo Transgressão de regras Valores	Observação Comportamental	20%
--	------------------------------	-----

Atribuições	Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Excelente
Valores	0 - 6	7 - 9	10 - 13	14 - 17	18 - 20

Professora
Rita Cascais

Apêndice 6. Relatório do Professor Cooperante

ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO DA GAMA

Ano Letivo 2012

Desenho A – 11º ano

No decorrer do 2º período, a turma de 11º ano de Artes Visuais trabalhou, na disciplina de Desenho, a representação da perspetiva em três fase: realização de vários esboços e desenhos à vista de espaços arquitectónicos da escola, com um e dois pontos de fuga, essencialmente a grafite e em papel tipo cavalinho do formato A4; com base nesses desenhos, realizaram dois trabalhos, introduzindo e modificando elementos e colorido, com riscadores diversos e em papel tipo cavalinho de formato A3; finalmente realizaram uma aguarela a partir de fotografias da cidade de Setúbal, em papel de aguarela de 65x50 ou aproximado.

Como neste ano letivo o tema aglutinador para os grandes projetos a trabalhar pelas diferentes disciplinas, ou de forma interdisciplinar, foi o Mar, propus aos alunos a colocação de água no lugar do chão. A ideia foi imaginar a cidade de Setúbal como que inundada, ou tratando-se de uma pequena Veneza. Deste modo, o trabalho de aguarela exigiria mais dos alunos, já que teriam de colocar reflexos na água, correspondentes aos dos edifícios, árvores e mobiliário urbano existente na imagem por eles escolhida.

Entretanto, para que no trabalho existisse algo com um cunho mais pessoal e criativo, foi-lhes proposta a inclusão de um elemento escultórico ou uma intervenção urbana, a criar por eles.

Foi aqui que a escultora e professora Rita Cascais contribuiu com a sua participação. Com auxílio de diaporamas, realizou as suas participações expositivas, mostrando exemplos de obras escultóricas de diferentes civilizações, épocas e culturas, seleccionando obras executadas em diferentes materiais. Outro conjunto de diaporamas mostrou os métodos de trabalhar diferentes materiais, como a pedra, a madeira, o metal, o barro, o gesso, o vidro e o silicone. Por último os alunos tiveram ainda a oportunidade de visualizar imagens relativas a escultura pública e intervenções urbanas.

Preparados os alunos para aspetos fundamentais que se devem ter em conta numa peça escultórica colocada em espaço público, cada um imaginou a sua e foi-lhe dando forma através de esboços e desenhos. Alguns alunos fizeram pesquisas na internet para se inspirarem na estética específica de uma época ou movimento. Ao critério de cada um ficaram as dimensões, cores e materiais em que, supostamente, a peça seria construída. Uma vez encontrada a forma final pretendida, a peça foi incluída no espaço urbano que cada aluno estava a trabalhar, sendo exigida também a representação dos seus reflexos. Uns optaram por soluções figurativas, outros por soluções abstratas.

A presença da professora Rita Cascais nas seguintes sessões de cariz prático permitiu o acompanhamento do processo de concepção da peça, lucrando também os alunos com as indicações, dada a especificidade da sua formação académica.

Para os alunos, a participação da professora Rita Cascais foi pedagógica e enriquecedora, na medida em que lhes mostrou contacto com área da Escultura, em que nenhum professor da escola tem formação. Para mim, enquanto professor da turma, foi gratificante esta parceria, já que a minha formação é de Pintura; embora com conhecimentos de História da Arte, não conseguiria transmitir de forma devidamente estruturada as informações e sugestões que lhes foram dadas.

Setúbal, 3 de junho de 2013

O professor,
António Galrinho